

Comunidades tradicionais e biomas: identidades, saberes e biodiversidade

Kátia Ferreira Henrique
Lisângela Kati do Nascimento



Cadernos EJA Ensino Médio
EIXO DIVERSIDADES



Pacto pela
Superação do
Analfabetismo
e Qualificação na Educação
do Jovem e Adulto

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL

BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Cadernos EJA Ensino Médio

Comunidades tradicionais e biomas: identidades, saberes e biodiversidade

Kátia Ferreira Henrique

Graduada em Física, mestre na área de Ensino de Ciências pela Universidade de São Paulo, é professora na Educação de Jovens e Adultos há 15 anos. Ao longo de sua trajetória como educadora e aprendiz, tem participado da elaboração de propostas curriculares e de materiais didáticos para secretarias de educação e fundações e atuado também em programas de formação continuada de professores na área de Ciências da Natureza.

Lisângela Kati do Nascimento

É professora de Geografia, mestre e doutora em ensino de Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). É pós-doutora pelo Programa de Ciência Ambiental do Instituto de Estudos Energéticos da USP. É autora do livro *O lugar do Lugar no ensino de Geografia: um estudo em escolas públicas do Vale do Ribeira-SP* e organizadora do livro *Comunidades Tradicionais e educação escolar diferenciada no Vale do Ribeira: violação de direitos e conflitos*. É pesquisadora no Núcleo de Pesquisas sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras da USP.



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Publicado em 2025 pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi/Ministério da Educação – MEC)

Cadernos EJA Ensino Médio: Comunidades tradicionais e biomas: identidades, saberes e biodiversidade

Autoras: Kátia Ferreira Henrique e Lisângela Kati do Nascimento

© Ministério da Educação, 2025



Esta publicação está disponível em acesso livre ao abrigo da licença Attribution-ShareAlike 3.0 IGO (CC-BY-SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>). Ao utilizar o conteúdo da presente publicação, os usuários aceitam os termos de uso do Repositório UNESCO de acesso livre <https://www.unesco.org/pt/open-access/cc-sa>.

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito do Projeto Acordo MEC-UNESCO 914BRZ1152.

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica, nome ou soberania de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As ideias e as opiniões expressas nesta publicação são as das autoras e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, DIVERSIDADE E INCLUSÃO (SECADI/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC)

Secretaria

Zara Figueiredo

Diretoria de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos

Cláudia Costa (diretora)

Mariângela Graciano (coordenadora-geral da Educação de Jovens e Adultos)

COORDENAÇÃO TÉCNICA DA REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL

Marlova Jovchelovitch Noleto (diretora e representante)

Maria Rebeca Otero Gomes (coordenadora do setor de Educação)

Lorena Carvalho (oficial de projetos)

Revisão técnica da UNESCO no Brasil

Célio da Cunha (consultor)

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

H519c

Henrique, Kátia Ferreira

Comunidades tradicionais e biomas: identidades, saberes e biodiversidade / Kátia Ferreira Henrique, Lisângela Kati do Nascimento.
– Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2025.

(Cadernos EJA Ensino Médio)
Livro em PDF
ISBN 978-65-83741-06-6

1. Educação de jovens e adultos. 2. Ensino Médio. 3. Biodiversidade.
I. Henrique, Kátia Ferreira. II. Nascimento, Lisângela Kati do. III. Título.

Coordenação pedagógica/editorial

Roberto Catelli Jr.

Preparação dos originais

Juliana Vegas Chinaglia

Revisão técnica

Madrigais Editorial

Iconografia

Aeroestúdio

Vanessa Trindade

Projeto gráfico e diagramação

Aeroestúdio

Imagens de capa

petralinak/Shutterstock (fundo)

Slatan/Shutterstock (detalhe)

Índice para catálogo sistemático
I. Educação de jovens e adultos

CDD 374

Apresentação

A produção dos Cadernos EJA Ensino Médio faz parte das estratégias previstas no Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos, política pública construída de forma colaborativa pelo Ministério da Educação (MEC), pelos estados, pelo Distrito Federal e pelos municípios.

O Pacto estimula a ação intersetorial, articulando diferentes atores – estatal, setor produtivo e entidades do terceiro setor – com vistas a fortalecer a política de Educação de Jovens e Adultos (EJA), tanto na perspectiva de lidar com os altos índices de analfabetismo com os quais o país convive, quanto na elevação da escolaridade das pessoas com 15 (quinze) anos ou mais, incluindo-se aí a conclusão do Ensino Médio.

Os Cadernos EJA Ensino Médio foram produzidos por especialistas em cada um dos temas selecionados, definidos por sua relevância para a formação de jovens e adultos, tendo em vista os desafios das sociedades contemporâneas e dos indivíduos em seus contextos de vida. Por isso, os Cadernos tratam de temas como cultura digital, uso da matemática e da língua portuguesa na vida cotidiana, saúde, trabalho, diversidades, política e vários outros temas, estimulando os estudantes à reflexão crítica de sua realidade.

É importante registrar que estes Cadernos têm como premissa, propor aprendizagens significativas, que possibilitem o desenvolvimento pessoal, acadêmico, profissional e social. As leituras e atividades propostas procuram lançar perguntas sobre diferentes aspectos da inserção do indivíduo na vida social. As respostas, contudo, não estão prontas, nem podem ser decoradas, pois vão depender do diálogo entre estudantes e professores(as). Para isso, em cada Caderno é desenvolvida uma proposta de pesquisa, que será uma forma de estudar o mundo que nos cerca realizando perguntas e construindo diferentes metodologias presentes nas várias áreas do conhecimento. Além disso, os Cadernos apresentam atividades que instigam a construção de intervenção na realidade em que vivem, demonstrando que não basta conhecer, é preciso aprender a aplicar estes conhecimentos no mundo social.

Com base nessas propostas, os Cadernos pretendem contribuir para que os estudantes da EJA do Ensino Médio possam desenvolver o que o educador

Paulo Freire insistia em denominar como autonomia, a capacidade de pensar por si mesmo e tomar decisões com base na reflexão e no diálogo de uns com os outros.

Ao se dirigir aos educadores, Paulo Freire, insiste ainda na necessidade de ensinar e não de transferir conhecimentos. Nesse processo, o diálogo se estabelece como ponte para a autonomia. É necessário que os saberes dos educandos sejam respeitados e que os conhecimentos deles sejam tomados como ponto de partida para o diálogo. Esse é o princípio que orienta os Cadernos EJA Ensino Médio.

*Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*, 1996, p. 21).*

Zara Figueiredo

Secretaria da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi)

Caro(a) estudante,

O Brasil é um país rico em diversidade étnica e sociocultural. Atualmente, são mais de 300 povos indígenas, que falam cerca de 270 línguas diferentes, e mais de 6 mil comunidades quilombolas identificadas (Censo Demográfico, IBGE, 2022). Somam-se aos indígenas e quilombolas mais 28 povos e comunidades tradicionais, esses distribuídos em todos os biomas brasileiros.

Esses povos e comunidades tradicionais desenvolveram modos de vida e práticas culturais que se relacionam intimamente com as riquezas naturais do território brasileiro. E, assim, por meio de diversas formas de lidar com a terra, com as águas e com as florestas, esses grupos produziram (e ainda produzem!) saberes e conhecimentos relacionados à agricultura, à pesca, ao extrativismo, ao uso de plantas medicinais, ao clima, entre outros.

Estudar sobre os povos e comunidades tradicionais do Brasil é uma das formas de nos aproximarmos da enorme riqueza cultural brasileira e das diferentes identidades que compõem o que chamamos de “povo brasileiro”. Conhecer esses povos e comunidades, sua cultura e as questões que os afetam é conhecer nossa identidade. É também uma forma de entrarmos em contato com a biodiversidade brasileira e compreendermos a sua importância não somente para esses grupos, mas também para o Brasil e o mundo.

Afinal, quem são e onde estão localizados os povos e as comunidades tradicionais do Brasil? Como se relacionam com elementos da natureza e da biodiversidade? Que saberes constroem a partir dessa relação e qual é a importância desses saberes? Que dificuldades esses grupos têm enfrentado e quais têm sido as formas de resistência para sua sobrevivência?

É o que estudaremos ao longo deste Caderno!

Sumário

- 8** A diversidade de pessoas, lugares e saberes
- 10** Quem são e onde vivem os povos e as comunidades tradicionais?
- 13** Biomas brasileiros e biodiversidade
- 18** Modos de vida, identidades e território tradicional
 - 18** Os geraizeiros e a relação com o Cerrado
 - 26** Comunidades e modos de vida na Caatinga
 - 35** Pesquisa: Comunidades Tradicionais do Pampa
- 36** Diálogo entre saberes: o conhecimento tradicional e o acadêmico
 - 38** Andirobeiras da Amazônia
 - 40** Os Sateré-Mauwé: inventores da cultura do waraná
 - 42** O direito de propriedade dos saberes e práticas tradicionais
 - 45** Cultivando na Mata Atlântica: Os quilombolas do Vale do Ribeira
 - 50** Transformando a floresta
 - 51** As guardiãs e os guardiões das florestas

- 52** Conflitos e resistências: biodiversidade e modos de vida ameaçados
- 53** Pantanal: bioma e populações em extinção
- 54** A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
- 59** Proposta de encerramento
- 60** Algumas orientações para a pesquisa
- 61** Comunidades tradicionais e biomas no Enem e no Encceja
- 63** Referências bibliográficas

A diversidade de pessoas, lugares e saberes

Observe as imagens a seguir. O que elas contam sobre as pessoas, os lugares em que vivem e os saberes que produzem?

Mauricio Torres/Repórter Brasil



Os **ribeirinhos** vivem da pesca, roçado, caça e coleta de alimentos na mata. Na foto, preparação da farinha de mandioca. Beira do rio Tapajós, Pará. Fotografia de 2017.

Marcio Isensee e Sá/Repórter Brasil



Famílias de **retireiros** vivem do pastoreio do gado nos chamados retiros. Vale do Araguaia, região no nordeste do Mato Grosso. Fotografia de 2017.

Casa Comum Terra/Shutterstock



Caiçaras realizando a pesca na região de Paraty, Rio de Janeiro. Fotografia de 2010.



Mulher **faxinalense** dando milho para as galinhas. Mandirituba, Paraná. Fotografia de 2017.



Mulheres **indígenas** Krahô, do nordeste do estado do Tocantins, produzindo cestas. Fotografia de 2020.

Essas imagens mostram saberes e práticas de povos e comunidades tradicionais, que vivem em diferentes biomas brasileiros.

Roda de conversa

Depois de analisar as imagens, faça uma roda de conversa com seus(suas) colegas para discutir as questões a seguir.

- Você tem ou já teve alguma experiência ou vivência de situações que envolvem saberes como os mostrados nas imagens? Conte sobre essa experiência aos colegas.
- Que práticas e saberes são tradicionais da região em que você vive ou em seu lugar de origem?
- Como as pessoas aprenderam esses saberes e fazeres? No seu modo de ver, que importância têm?

Atividade de pesquisa

O que as práticas tradicionais levantadas pela turma contam sobre as pessoas, o lugar em que vivem e os modos de vida delas?

Escolha uma dessas práticas para responder a essa pergunta. Pode ser uma prática relacionada à confecção de objetos, ao artesanato, ao preparo de alimentos, à plantação, à criação de animais, ao uso medicinal, entre outras.

Em seguida, procure identificar:

- Que conhecimentos da natureza estão envolvidos na prática escolhida? Quais são os elementos do mundo natural utilizados e como são obtidos?
- Que papel essa prática desempenha na vida das pessoas ou da comunidade a ela relacionada?
- Quais são as origens dessa prática ou como se aprendeu sobre ela?

Para responder a essas perguntas, talvez você sinta necessidade de buscar mais informações. Uma maneira de fazer isso é entrevistar uma pessoa que realiza ou já realizou essa prática. Pode ser um(a) colega de seu grupo ou da escola, algum familiar ou outra pessoa conhecida. Você pode entrevistá-lo(a) pessoalmente ou virtualmente. O que será que esse indivíduo tem a contar? Pergunte a ele se você pode fotografar ou gravar a prática sendo realizada. O que é necessário pesquisar para entender melhor esse saber, a cultura em que se insere e as características da natureza de seu lugar de origem?

Depois de realizar as entrevistas e pesquisar em outras fontes, é hora de organizar as informações de modo a responder à pergunta que abre essa atividade. Como encerramento, é importante que você possa trazer seus questionamentos e pontos de vista sobre o que estudou, assim como os sentimentos provocados pela pesquisa. Por fim, será necessário decidir, com sua turma e com o(a) professor(a), como a pesquisa poderá ser compartilhada. Você pode escolher algumas fotos e, como legenda, transcrever trechos da entrevista relacionados a elas. Outra possibilidade é planejar uma exposição oral em que você apresenta fotos e trechos de vídeos. Em qualquer um dos casos, conte com as orientações de seu(sua) professor(a).

Quem são e onde vivem os povos e as comunidades tradicionais?

O Brasil é considerado, por diversos estudos, como o país com a maior biodiversidade do mundo, por ter em seu território biomas ricos em espécies animais e vegetais. São seis os biomas brasileiros: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal, Caatinga e Pampa.

Os diferentes povos e comunidades tradicionais do Brasil estão presentes em todos esses biomas, e é na relação com eles que constroem e reconstruem seus modos de vida, saberes e identidades. Você conhece ou já ouviu falar de algum desses povos ou comunidades? Por que são considerados “tradicionais”?

Ao longo da história de nosso país, esses grupos étnico-culturais foram invisibilizados e desvalorizados. Tiveram (e ainda têm) seus territórios e, portanto, seus modos de vida ameaçados por empreendimentos econômicos, incluindo o agronegócio, a mineração, a instalação de parques industriais, entre outros.

Somente em 2007 é que os povos e as comunidades tradicionais passaram a integrar a agenda do governo federal. Por meio do Decreto nº 6.040 foi instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, sob a coordenação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) da Presidência da República. O Decreto nº 6.040 reafirma que os povos e comunidades tradicionais são:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

BRASIL. *Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.* Brasília, DF: 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 3 fev. 2025.

Atualmente, o Brasil reconhece 28 povos e comunidades tradicionais, sendo eles: andirobeiras, apanhadores de flores sempre-vivas, caatingueiros, caiçaras, castanheiras, catadores de mangaba, ciganos, cipozeiros, extrativistas, faxinalenses, fundo e fecho de pasto, geraizeiros, ilhéus, indígenas, isqueiros, morroquianos, pantaneiros, pescadores artesanais, piaçaveiros, pomeranos, povos de terreno, quebradeiras de coco-babaçu, quilombolas, retireiros, ribeirinhos, seringueiros, vazanteiros e veredeiros.

Apanhadores de sempre-vivas são comunidades que vivem na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais e na Bahia, que colhem as flores sempre-vivas, usadas na confecção de artesanato e arranjos florais.
Fotografia de 2013.



Andre Dib/Pulsar Imagens



Pantaneiros
são povos
que vivem no
Pantanal, um
dos maiores
biomas do
mundo, e que
desenvolvem
atividades
como pecuária,
pesca, turismo
e artesanato.
Na imagem,
pantaneiro se
preparando
para pescar.
Fotografia de
2022.

Ao todo, são mais de 6 milhões de pessoas pertencentes a diferentes segmentos de povos e de comunidades tradicionais, incluindo povos indígenas, segundo o relatório do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos de 2020.

Algum dos grupos apresentados despertou sua curiosidade? Que tal fazer uma breve pesquisa sobre esse grupo e compartilhar suas descobertas com sua turma? Nesse primeiro momento, o mais importante é reconhecer quem são, onde e como vivem as pessoas que pertencem à comunidade tradicional escolhida. Ao final do Caderno, você terá a oportunidade de desenvolver uma pesquisa mais aprofundada sobre essa ou outra comunidade tradicional de seu interesse.

Dica de leitura

POVOS e comunidades tradicionais do Brasil: quem são? *Habitat Brasil*, c2018. Disponível em: <https://habitatbrasil.org.br/povos-e-comunidades-tradicionais/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

BRASIL. Povos e comunidades tradicionais. *Ministério do Meio Ambiente e Mudança Climática*, [ca. 2023]. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 3 fev. 2025.

Os artigos exploram quem são os povos e as comunidades tradicionais do Brasil. Tais páginas podem ser utilizadas como fontes para auxiliar sua pesquisa.

Biomas brasileiros e biodiversidade

O Brasil tem mais de 8 milhões de quilômetros quadrados de extensão territorial. Em toda essa imensidão, identificamos os seis biomas mencionados: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal, Caatinga e Pampa. Além disso, o Brasil possui uma costa marinha de 3,5 milhões de km², que inclui ecossistemas como recifes de coral, dunas, manguezais, lagoas, estuários e pântanos.

Mas, afinal, o que diferencia a Mata Atlântica da Amazônia? O Cerrado da Caatinga? O Pantanal dos Campos do Sul (Pampa)? Que características fazem de cada um deles um bioma?

Marcio I. Sa/Shutterstock



Paisagem da Amazônia.
Terra indígena Menkragnoti, Pará.
Fotografia de 2019.

Leonardo Mercon/Shutterstock



Paisagem da Mata Atlântica.
Trecho entre Sooterama e Linhares, Espírito Santo.
Fotografia de 2017.



Paisagem do Cerrado. Trecho do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Fotografia de 2017.



Paisagem do Pantanal. Rio Miranda, em Corumbá, Mato Grosso do Sul. Fotografia de 2017.



Paisagem da Caatinga. Pedra Lavrada, Paraíba. Fotografia de 2008.



DR Moura/Shutterstock

Paisagem do Pampa. Rio Grande do Sul. Fotografia de 2021.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bioma é “um conjunto de vida vegetal e animal, constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação que são próximos e que podem ser identificados em nível regional, com condições de geologia e clima semelhantes e que, historicamente, sofreram os mesmos processos de formação da paisagem, resultando em uma diversidade de vegetais (flora) e animais (fauna) própria”.

A palavra **bioma** deriva do grego *bios*, que significa “vida”.

Os biomas, portanto, podem ser identificados pelas características de sua paisagem, que envolvem aspectos da vegetação, do solo e do relevo, e pelo clima. Fundamental reconhecer, contudo, que um bioma abriga também plantas, animais e microrganismos, que compõem a sua biodiversidade. Os biomas, enfim, são ambientes de grande riqueza natural, como bem sabem as comunidades tradicionais.

A variedade de biomas reflete a enorme riqueza da flora e da fauna brasileiras. Com essa abundante variedade de vida, que representa mais de 20% do número total de espécies de nosso planeta, o Brasil é o país que apresenta a maior biodiversidade da Terra.

A palavra **biodiversidade** vem da junção das palavras da expressão “diversidade biológica” e foi usada pela primeira vez em 1985. No artigo 2º da **Convenção sobre Diversidade Biológica**, ela é definida como a “variabilidade entre seres vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas”. O **ecossistema**, por sua vez, é o termo utilizado para definir um grupo de seres que habitam em um determinado local, as relações entre eles e a interação dessas comunidades com o ambiente em que vivem. Assim, um bioma como o da Amazônia apresenta a sua enorme biodiversidade nos diversos ecossistemas que o constituem como florestas de terra firme, igapós e várzeas.

Atividade

Como será que os biomas se distribuem no território brasileiro? Quais são os biomas presentes dos diferentes estados de nosso país? Você sabe qual é o bioma predominante no estado em que você vive? Vamos conferir?

Observe o mapa na página 17, produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA). Atente para as legendas e outros tipos de informação que ele mostra.

Depois, discuta as questões a seguir com os colegas:

- A região em que você mora está localizada em qual bioma?
- Você sabe se existem comunidades tradicionais no bioma em que vive?
- Quais são as características desse bioma? Ele passou ou está passando por transformações significativas por conta da urbanização ou de atividades econômicas?

Agora, responda no caderno:

- O que você conhece dos outros biomas, no que diz respeito à fauna, à flora e às comunidades tradicionais que neles vivem?
1. Quais biomas estão presentes em um maior número de estados?
 2. Em qual estado você vive atualmente? Qual é o bioma nele predominante?
 3. Descreva uma paisagem do lugar em que você vive ou já viveu, que mostra características do bioma.

4. Escolha um dos seis biomas e escreva dois exemplos mostrando como as características desse bioma aparecem nos modos de vida local (alimentação, moradia, objetos, trabalho, atividade econômica, lazer, entre outros). Pode ser o bioma em que você vive, já viveu ou um outro que você conheça. Se necessário, faça uma pesquisa na internet ou em livros de Geografia.

Biomas brasileiros



Fonte: IBGE, Atlas Geográfico Escolar.

“Tô no mapa”: As muitas comunidades tradicionais brasileiras... em um único mapa!

Você vive (ou sua escola pertence) a algum povo ou comunidade tradicional? Que tal registrá-la em um mapa interativo e colaborar para que a diversidade de povos e de comunidades seja visibilizada em nosso país? Para saber mais e fazer o registro, basta acessar o *link* e seguir as orientações do site ou de um educador da escola. Disponível em: <https://tonomapa.org.br/mapa/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

Modos de vida, identidades e território tradicional

Vamos conhecer alguns povos e comunidades tradicionais brasileiras para compreender a relação entre os seus modos de vida, a identidade cultural e o forte vínculo com o território tradicional, onde se verifica a conservação dos recursos naturais.

Como esses modos de vida se relacionam com o bioma em que vivem? Por que o território é tão importante na vida desses grupos? Essas questões serão abordadas nas atividades desta seção.

Os geraizeiros e a relação com o Cerrado

Os **geraizeiros** são pessoas que ocupam os campos gerais do norte e noroeste do estado de Minas Gerais até o oeste da Bahia. Você conhece essa região? Já teve contato com eles?

Como veremos, os geraizeiros construíram com sabedoria um modo de vida atrelado às características do bioma Cerrado, desenvolvendo práticas que revelam um profundo conhecimento dos recursos naturais. É dos Gerais – área de transição entre o Cerrado e a Caatinga – que os geraizeiros tiram seu sustento, seu alimento, sua fonte de água. As manifestações culturais e religiosas desse povo,

assim como seus costumes cotidianos, acontecem principalmente na relação com o Cerrado mineiro. Vamos conhecer um pouco mais sobre eles?

Atividade

Para conhecer o modo de vida dos geraizeiros e as características do bioma Cerrado, vamos visitar o espaço virtual do Museu Vivo dos Povos Tradicionais de Minas Gerais. Já visitou alguma vez?

Esse museu busca preservar e reconhecer o legado cultural de oito povos tradicionais mineiros: geraizeiros, vacarianos, vazanteiros, veredeiros, caatingueiros, quilombolas, indígenas e apanhadores de flores sempre-vivas. Uma enorme diversidade de povos, não? Nele, podemos conhecer o modo como se relacionam com a natureza, seus saberes e suas lutas.

- MUSEU VIVO DOS POVOS TRADICIONAIS. Montes Claros, c2025. *Site*. Disponível em: <https://museuvivodospovosmg.com.br/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

Vamos assistir ao vídeo que apresenta os geraizeiros para entender o que marca a vida desse grupo, a visão que eles têm de si próprios e da importância da conservação do Cerrado.

Reprodução/YouTube



GERAIZEIROS. Museu Vivo dos Povos Tradicionais de Minas Gerais, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bfTNOoDfg-4&t=2s>. Acesso em: 6 fev. 2025.

Discuta as questões a seguir com os(as) colegas.

- O que, na visão das pessoas que foram entrevistadas, é ser “geraizeiro”?
- Que sentimentos os geraizeiros demonstram ter sobre suas origens, seu modo de vida, o território onde vivem e sua identidade?
- Como é a paisagem do lugar em que vivem? O que essa paisagem conta sobre as características do Cerrado?
- Compartilhe com os(as) colegas o que você achou do filme. Alguma passagem chamou a sua atenção? Qual e por quê?

Registre no caderno:

- 1.** As palavras e expressões a seguir podem ser identificadas nas falas das pessoas dos Gerais que aparecem no vídeo. Escolha aquela que, para você, melhor expressa a **identidade dos geraizeiros**. Em seguida, escreva uma frase para justificar sua escolha.

cerrado	fartura	consciência	luta	perda
roça	valores	água	proteção	bem comum
colheita	natureza	liberdade	cuidado	

- 2.** No vídeo, moradores de diferentes municípios do Cerrado falam o que é o Gerais e o que é ser geraizeiro. Por meio deles, podemos reconhecer características do modo de vida, valores e saberes e visão de natureza desse grupo social.

Leia algumas transcrições dessas falas e, depois, responda às perguntas.

Fala 1

“(Ser geraizeiro) É você ter a liberdade, ver o Cerrado e trabalhar na sua roça, você ter tudo que você quer. Você planta, você colhe, você cria animal. É muito gostoso, é gostoso demais ser geraizeiro.” *Neuci, moradora de Catanduva.*

Fala 2

“(O Gerais) É casa de uma mãe, você tem fartura, você pode apanhar dali, doar para outros que não têm, que você não sente falta. Tem fartura de milho, amendoim, mandioca. Eu faço goma, eu faço biscoito também para vender.” *Neli, moradora de Vargem Grande.*

Fala 3

“Os Gerais têm vários valores (...) Aí vem os valores medicinais dele. No tempo de meu avô, e mesmo no tempo de minha mãe, várias doenças ninguém procurava farmácia não. Era tratado com gerais. Em seguida, tem os frutos do gerais que é sustentabilidade para o ser humano e também para os animais, como rufão, a mangaba, o pequi. Aí vem o valor do Gerais preservado para as nascentes de água. Dentro do município de Rubelita, o último rio que está acabando de morrer é o Vacaria, os outros já morreram tudo, por quê? Porque acabou com os gerais, porque enquanto tinha gerais tinha água, acabou os gerais, acabou a água.” *Adão Pereira, morador de Rubelita.*

- a. Todas essas falas retratam o **modo de vida** dos geraizeiros. Escolha uma dessas falas e escreva o que ela revela sobre esse modo de vida.
- b. Essas falas também mostram o profundo **conhecimento dos geraizeiros** sobre o Cerrado e o valor desse bioma no modo de vida desse grupo. Escolha uma frase e escreva o que ela conta sobre a relação entre esse modo de vida e o Cerrado.
3. As duas fotografias a seguir mostram áreas diferentes no Vale do Jequitinhonha, ao norte de Minas Gerais. Observe, em cada uma dessas imagens, as características da paisagem, a diversidade e a presença de água.

Edson Campolina/Shutterstock



1

Plantação de eucalipto no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Fotografia de 2018.

Taleon Diegues/Shutterstock



2

Rio Araçáí, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Fotografia de 2020.

- a.** Agora, compare esses dois ambientes no que diz respeito a:
 - biodiversidade;
 - possibilidades de modos de vida das pessoas que vivem na região.
- b.** Alguns dos depoimentos de geraizeiros mostram que, em certos locais dos Gerais, rios e nascentes estão secando, comprometendo a conservação do bioma e o modo de vida de comunidades tradicionais que lá vivem. Baseando-se nas fotos apresentadas, escreva um motivo pelo qual isso pode estar acontecendo.

4. No vídeo os geraizeiros falam:

“A gente lutou muito para proteger o Cerrado, pra gente ter orgulho hoje de ver o Cerrado em pé, voltar as nossas águas. Nós éramos ricos de água, muitas nascentes já estão voltando.” *Neuci, moradora de Catanduva.*

“Porque se o homem voltar a cuidar da natureza, a chuva nunca vai faltar não e nunca vai faltar água não. E o Gerais não é só para Rubelita, não é só para Montes Claros, não é só para Belo Horizonte e também não é só para o Brasil. Ele é para o planeta inteiro. Ele tem a ver no planeta inteiro.” *Adão Pereira, morador de Rubelita.*

- a.** Por que o Cerrado é tão importante para o “planeta inteiro”, como afirma o geraizeiro Adão?
- b.** Qual é o seu ponto de vista sobre isso?

5. As falas de pessoas que vivem no Cerrado, e que o conhecem muito bem, revelam quanto consideram esse bioma repleto de riquezas, não é? - a.** No seu entender, essa é a imagem que a maioria dos brasileiros têm do Cerrado? - b.** Quais seriam as “riquezas” desse bioma, reconhecidas pelos geraizeiros?

Atividade

O texto *Cerrado, o coração do Brasil* foi publicado no site do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPNA), uma organização da sociedade civil sem fins econômicos que atua pelo fortalecimento de meios de vida sustentáveis com protagonismo comunitário. Vamos fazer uma leitura desse texto para reconhecer as

características do Cerrado, compreender o valor desse bioma, assim como outras razões pelas quais está em risco.

Antes da leitura, pense sobre o título: Por que o Cerrado seria o coração do Brasil? Compartilhe com seus(suas) colegas suas hipóteses. Em seguida, faça uma leitura silenciosa e, depois, acompanhe a leitura do(a) professor(a) em voz alta.

Heribert Villar/Shutterstock



Jardim de Maytrea, em Alto Paraíso de Goiás, Chapada dos Veadeiros, Goiás. Fotografia de 2019.

CERRADO

O coração do Brasil

Sim... o coração do Brasil bate forte. Lugar de terra vermelha, onde a vida pulsa, no Cerrado está localizada a savana mais rica em biodiversidade do mundo. Situado majoritariamente na área central do Brasil, é o segundo maior bioma do país e da América Latina [...]. Devido à sua localização central, compartilha espécies com três biomas brasileiros (Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica), o que contribui para sua alta biodiversidade. [...]

No bioma predomina o clima tropical úmido, com um inverno seco, com estiagem que se prolonga por cerca de cinco meses, e um verão chuvoso. A umidade relativa do ar sofre um decréscimo no período seco e chega, inclusive, a níveis semelhantes aos

Umidade relativa do ar: medida da quantidade de água na forma de vapor que existe na atmosfera em determinado momento, em relação ao total máximo que poderia existir na temperatura observada.

das regiões desérticas, com valores entre 9 e 11%. A quantidade de chuvas não é homogênea em todo o bioma e, mesmo na época das chuvas, é comum a ocorrência de períodos de estiagens, chamados de “veranicos”. As temperaturas médias são elevadas durante todo o ano, exceto no inverno quando pode esfriar bastante. Quem mora no bioma convive com toda essa variabilidade, marcada por secas e chuvas, que interferem na biodiversidade, na agropecuária e na qualidade de vida das pessoas.

No imaginário da sociedade brasileira predomina a imagem de uma vegetação rala, de árvores tortas, sem beleza, utilidade ou valor – seja social, econômico ou ecológico. Porém, nesse bioma encontra-se uma variedade de paisagens, fauna e flora, o que faz dele um dos maiores patrimônios da biodiversidade mundial. Suas espécies vegetais e animais são conhecidas por gerações devido ao seu enorme potencial alimentar, medicinal e utilitário. Entre os cerca de 20 milhões de brasileiros e brasileiras que vivem na região, estão os povos e as comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, extrativistas etc.), com séculos de experiência no convívio sustentável com o bioma.

O Cerrado é ainda dito como coração do Brasil não somente por sua localização, mas também devido às águas que dali brotam e seguem para os principais rios do país – por isso também é denominado de “berço das águas”. O bioma abriga diversas nascentes e importantes áreas de recarga hídrica, desempenhando um papel fundamental para as principais bacias hidrográficas brasileiras e sul-americanas.

Apesar de seu enorme valor, o Cerrado está ameaçado. O acelerado desmatamento nas últimas décadas para a produção agropecuária, aliado à expansão urbana, reduziram a cobertura vegetal do bioma a pouco mais da metade do seu original. [...]

O Cerrado tem sido percebido por anos apenas como um espaço a ser ocupado e uma fronteira agrícola a ser conquistada. O desenvolvimento sem planejamento ambiental, contudo, leva a padrões de produtividade insustentáveis, degradação e esgotamento de recursos naturais, além de diversos impactos sociais negativos. O modelo de desenvolvimento que não leva

Recarga hídrica:

mecanismo do ciclo hidrológico, representado pelo fluxo de água através do solo, que alcança os reservatórios subterrâneos, contribuindo para aumentar as reservas das águas permanentes ou temporárias dos aquíferos.

Bacia hidrográfica:

área onde, devido ao relevo e às características do solo, a água da chuva escorre para um rio principal e seus afluentes. A forma das terras na região da bacia faz com que a água corra por riachos e rios menores para um mesmo rio principal, localizado num ponto mais baixo da paisagem.

em conta as riquezas naturais, gera abandono do campo e ameaça a continuidade dos povos e comunidades tradicionais. Considerando toda a importância do bioma para a biodiversidade brasileira, para o povo que ali reside e as águas que dali partem para o restante do país, o coração do Brasil precisa cada vez mais de cuidado e atenção para continuar pulsando.

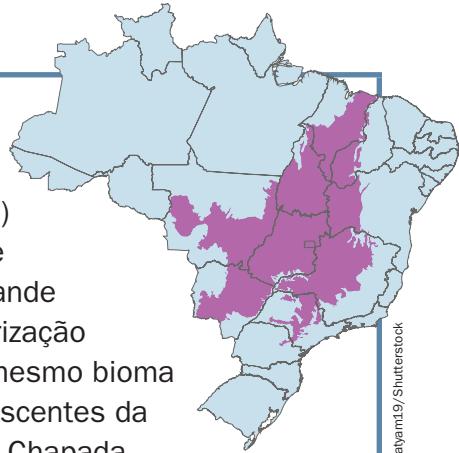
INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA. *Cerrado: o coração do Brasil*. [S. l.]: ISPNI, [ca.2015]. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/cerrado/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

1. Copie no caderno um trecho que justifica o título do texto, isto é, por que o Cerrado é considerado o coração do Brasil.
2. Escreva duas características do Cerrado que, no seu entender, mostram o valor desse bioma.
3. O último parágrafo se inicia com a seguinte frase: “O Cerrado tem sido percebido por anos apenas como um espaço a ser ocupado e uma fronteira agrícola a ser conquistada”. Essa frase revela um ponto de vista do texto sobre o Cerrado. Que ponto de vista seria esse? converse com os(as) colegas e, depois, escreva sua resposta.
4. Considerando o que estudou até agora, o que você pensa sobre a frase acima?

Os muitos povos e comunidades tradicionais do Cerrado

O Cerrado abriga em torno de 216 Terras Indígenas (TIs) e 83 diferentes etnias, com uma população **indígena** de aproximadamente 100 mil habitantes. No entanto, a grande maioria das TIs não passou por um processo de regularização fundiária, o que tem resultado em sérios conflitos. No mesmo bioma encontramos, ainda, 44 territórios **quilombolas**, remanescentes da época da escravidão, como os Kalungas, localizados na Chapada dos Veadeiros, no norte de Goiás, que ainda hoje preservam seus meios de vida, com plantios de roças, criação de animais e conhecimento dos usos das plantas. Eles apresentam um valioso legado cultural, contido em histórias populares e festas tradicionais, muitas delas específicas de cada um dos núcleos do território Kalunga.

As **quebradeiras de coco babaçu** são mulheres das comunidades que assim se denominam pelo trabalho na colheita e na quebra do coco. Inicialmente, as



Kayam19/Shutterstock



quebradeiras se juntavam em suas comunidades para trabalhar, mas acabavam por criar vínculos entre elas, o que dava mais confiança para lidarem com suas dificuldades cotidianas. Na década de 90, surgiu o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), um coletivo que agrupa muitas dessas mulheres para lutarem por melhores condições de vida, conhecerem seus direitos e defenderem a palmeira e o meio ambiente.

Já as comunidades **vazanteiras** são aquelas localizadas, sobretudo, nas margens do Rio São Francisco. Elas vivem da pesca, do extrativismo e da criação de animais. Sua agricultura se dá de modo particular, acompanhando os ciclos de enchente, cheia, vazante e seca do rio. Os vazanteiros vêm lutando para preservar seus modos de vida, resistindo fortemente ao avanço do agronegócio nas suas regiões.

Os **apanhadores de flores sempre-vivas** são um grupo do Cerrado que vivem dessa espécie nativa de flores, que, depois de colhidas, passam por um processo de secagem e, por vezes, de coloração que as mantém com um aspecto vivo. A coleta das flores é uma tradição que vem se perpetuando ao longo das gerações, sendo uma importante fonte de renda para as comunidades.

Por fim, as comunidades de **fundo e fecho de pasto** estão bastante presentes no Cerrado, mas por ocuparem também a Caatinga, serão abordados adiante.

INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA. *Cerrado: povos e comunidades tradicionais do Cerrado*. [S. I.]: ISPNE, [ca. 2025]. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/cerrado/povos-e-comunidades-tradicionais-do-cerrado/>. Acesso em: 3 fev. 2025. (Adaptado).

Comunidades e modos de vida na Caatinga

A Caatinga ocupa a área do Semiárido brasileiro, abrangendo quase 850 mil km², cerca de 10% do território nacional, e está presente nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Pernambuco e norte de Minas Gerais. Um bioma que se estende por tantos estados brasileiros deve ser habitado por uma diversidade de povos e comunidades brasileiras, não é mesmo?

Você já viveu nesse bioma ou conhece alguém que viva em alguma região em que a Caatinga é predominante? Que imagens vêm à sua cabeça quando ouve alguém falar da Caatinga?

Observe as fotografias a seguir e escolha aquelas que, para você, representam bem a Caatinga.



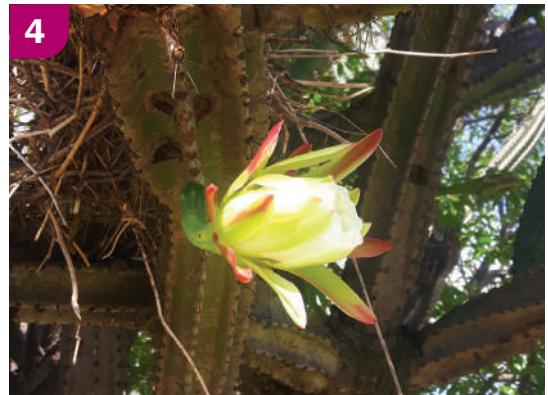
1
Vegetação brotando, Pernambuco.
Fotografia de 2016.



2
Apicultores em Jacarau, Paraíba. Fotografia de 2005.



3
Casa de pau a pique, antena parabólica e cisterna, no interior da Paraíba. Fotografia de 2024.



4
Flor de mandacaru. São José do Seridó, Rio Grande do Norte. Fotografia de 2021.



5
Poço semiartesiano em Canudos, Bahia.
Fotografia de 2021.

- Que imagens você escolheu? Por quê?
- Para quem conhece bem ou já viveu na Caatinga: se você fosse registrar imagens que, no seu entender, representam bem a Caatinga, que fotografias você faria? Por quê?
- Como é viver nesse bioma?

Atividade

Depois de conversarmos sobre o que conhecemos e imaginamos a respeito da Caatinga, vamos ler outro texto publicado no *site* do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Qual será a visão trazida pelo texto a seguir sobre a Caatinga e a população que nela vive? Vamos conferir!

Antes, porém, leia o título e observe a imagem da página 29. O que poderia ser o “Novo canto da asa branca?” Compartilhe com seus(suas) colegas suas hipóteses. Em seguida, faça uma primeira leitura silenciosa e, depois, acompanhe a leitura do(a) professor(a) em voz alta.

CAATINGA O novo canto da asa branca

O nome Caatinga vem do tupi-guarani e significa mata branca, uma referência à cor dos troncos das plantas que perdem sua folhagem nos períodos mais secos. Nesse bioma, o único exclusivamente brasileiro, pode-se aprender muito sobre resistência. Em meio à paisagem seca em tempos de aridez, basta um pouco de chuva para tudo ficar verde, florescer e germinar, fazendo a vida pulsar mais forte.

Ao contrário da imagem propagada de isolamento e solo rachado, a Caatinga abriga uma grande diversidade de paisagens, povos e espécies da fauna e flora, ainda pouco conhecidos por grande parte da população. Esse bioma tem uma importância fundamental para a biodiversidade do planeta, pois 33% de sua vegetação e 15% de seus animais são espécies exclusivas (endêmicas), que não existem em nenhuma outra parte do mundo.

[...] Apesar de sua importância, a Caatinga possui 46% de sua área desmatada, o terceiro bioma mais degradado do Brasil, atrás da Mata Atlântica e do Cerrado.

[...]

Uma solução necessária para aqueles que vivem no Semiárido é saber tirar bom proveito da Caatinga, o que resulta em profundo conhecimento sobre diferentes usos da vegetação nativa, fundamental para a segurança e

soberania alimentar e nutricional, e para a geração de emprego e renda da população. [...]

O clima da Caatinga é o semiárido, o que carrega também importante conceito político. Com chuvas irregulares ocasionando longos períodos de estiagem, as populações da Caatinga precisaram aprender a conviver com essa característica. Isso exigiu a luta e mobilização social por políticas que garantissem condições de vida digna na região, como os programas de difusão de tecnologias de convivência com o Semiárido. Uma das mais difundidas são as cisternas, que armazenam as águas das chuvas para os períodos de estiagem, permitindo a produção da agricultura familiar durante todo o ano.

Falando em tecnologias, há de se reconhecer que os povos desse bioma, talvez pela pressão das tormentas da vida, têm uma criatividade para além da imaginação. Um povo que consegue criar meios para conviver com o clima árido com o que tiver disponível. Assim, geralmente com poucos recursos, dão um jeito de conseguir aproveitar a pouca quantidade de água, armazenam de algum outro jeito e depois ainda inventam mais uma forma de reaproveitá-la. No quesito criatividade, esse povo vai além, com as chamadas “engenhocas”, como bombas de água alternativas que não necessitam de energia e sistemas de irrigação caseiros.



Vegetação da Caatinga durante período de chuvas em Cabaceiras, Paraíba. Fotografia de 2022.

Desse jeito a população da Caatinga vai mostrando sua força. [...] A resistência do bioma se confunde com a resistência do seu povo, que vem construindo um novo canto sobre a Asa Branca. Onde antes só havia “terra ardendo e nem um pé de plantação”, agora tem também abundância e tem fartura na produção. Tem alimento para sobreviver e também para vender. O povo, antes judiado pela seca, aprendeu a conviver com a Caatinga.

Como bem disse a Declaração do Semiárido de 1999, o sertão deve ser visto para além das imagens eternizadas de quando a seca castiga, aquelas grandes áreas de chão rachado, água turva e crianças passando fome. Essas imagens servem para dar o sinal de alerta, mas reduzem a realidade da Caatinga que, para além de sua aridez, é fonte de cultura e de criatividade. [...]

INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA. *Caatinga: o novo canto da asa branca*. [S. l.]: ISPNA, [ca. 2025]. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/caatinga/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

Discuta com os colegas:

- É muito comum que a Caatinga seja retratada apenas como uma região seca. O que esse texto nos ensina sobre esse bioma e a população que nele vive?
- Depois de ler o texto, como entendemos o título “O novo canto da asa branca”?
- Agora, você mudaria as fotografias que escolheu no começo desta seção?

Registre no caderno:

1. Escreva quatro características do bioma Caatinga, de acordo com o texto lido.
2. Qual é a visão que o texto traz sobre a população que vive na Caatinga?

Comunidades de fundo e fecho de pasto

Nas últimas décadas, o Semiárido nordestino passou por várias transformações. No espaço em que eram vistos jegues, hoje são vistas motos; as sanfonas passaram a conviver com o forró eletrônico; as cisternas se integraram à paisagem, de tão comuns que se tornaram. Ou seja, muita coisa mudou. Entretanto, determinados modos de vida seguem resistindo e se fortalecendo. É o caso das comunidades de fundo e fecho de pasto. Você já ouviu falar delas? O que esse nome sugere sobre o modo de vida desses grupos?

Atividade

Para conhecer esse modo de vida e os caminhos que os indivíduos de fundo de pasto têm trilhado para resistir às pressões sobre seus territórios, vamos assistir ao documentário *Fundo de Pasto: nosso jeito de viver*. Nesse vídeo, pessoas dessas comunidades contam sobre seu modo de vida, suas formas de se organizar e de produzir, bem como sua cultura e suas tradições. Também denunciam a chegada de grandes empreendimentos que estão colocando em risco a permanência de comunidades que habitam o norte da Bahia há séculos.

Antes, porém, vamos conhecer algumas das pessoas entrevistadas. Observe as imagens extraídas do vídeo, leia as legendas e procure identificar quem são, o que fazem e onde vivem essas pessoas.



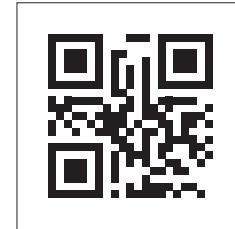
Reprodução/YouTube



Como percebemos, uma diversidade de pessoas participa do documentário: agricultores familiares, lideranças comunitárias e jovens de comunidades tradicionais de fundo de pasto, além de representantes de organizações sociais que apoiam as comunidades de fundo e fecho de pasto, provenientes de diferentes municípios. O que isso nos conta sobre os fundo de pasto?

Vamos, então, ao documentário! Ao assisti-lo, procure identificar a importância desse grupo para a conservação da Caatinga e suas formas de luta para manterem seus modos de vida.

Reprodução/YouTube



FUNDO de pasto: nosso jeito de viver. TV Irpaa, 1 ago. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lmee-Armg_8. Acesso em: 3 fev. 2025.

Discuta com os colegas:

- O documentário se chama *Fundo de Pasto*: nosso jeito de viver. Que jeito é esse de viver das comunidades de fundo e fecho de pasto, que se desenvolveu no Semiárido da Bahia?
- O que é o “fundo de pasto” e por que não ter cerca é uma boa solução para a criação de animais na Caatinga?
- Para além da criação de animais, que outras atividades econômicas a Caatinga oferece como possibilidade de atuação para as comunidades de fundo e fecho de pasto?
- O que tem ameaçado o modo de vida dessas comunidades e como tem sido a luta pela sobrevivência delas?
- Que sentimentos o documentário provocou em você? O que lhe fez pensar dessa forma?

Registre no caderno:

1. Escreva **três características** do modo de vida das comunidades de fundo e fecho de pasto.
2. Escreva **uma semelhança** e **uma diferença** que você identifica entre os geraizeiros e as comunidades de fundo e fecho de pasto.
3. No vídeo, integrantes das comunidades de fundo e fecho de pasto revelam sua preocupação com grandes empreendimentos que estão chegando na Caatinga, como podemos observar nas falas a seguir.

“Esses empreendimentos que podemos chamar intrusos na comunidade, eles vêm com projetos completamente diferentes daqueles que a gente vive na comunidade. Vêm com a perspectiva de desorganizar toda aquela convivência que a gente tem na comunidade, se é de criar animais, se é de fazer um extrativismo natural do umbu, de caroá para fazer uma confecção de artesanato [...].

Aí vem o problema da energia eólica e agora os parques de energia solar. Então, a gente não é contra a energia limpa, a gente é contra a forma como esses projetos chegam nas comunidades. Não se pensa em projetos de energia para as comunidades.” *Luis Carlos Andrade, liderança comunitária, Bom Jesus, Canudos.*

- Na visão dos fundo e fecho de pasto, como seus modos de vida podem ser ameaçados por esses empreendimentos?

4. No vídeo, ouvimos a seguinte fala:

“Aqui na comunidade temos uma área que a gente chama de recaatingamento que a ideia é justamente preservar o que tem na terra, na área de fundo de pasto, e também recuperar as áreas que já estão degradadas, mas sempre por tradição a comunidade tem esse objetivo, essa forma natural de preservar.” *José Floriano Varjão, agricultor, Pau Ferro, Curaçá.*

- Escreva três exemplos de como as comunidades de fundo e fecho de pasto colaboram para a conservação da Caatinga.

5. Escreva três ações que os fundo de pasto têm tomado na luta pelo fortalecimento de seus modos de vida. Reveja o vídeo, se necessário.

Povos e comunidades na Caatinga

O Semiárido brasileiro, com sua paisagem mais aberta, se tornou propício para o estabelecimento de populações humanas, cujos meios de vida as permitiram sobreviver e reproduzir mesmo em meio à aridez. Certamente há um conhecimento acumulado por gerações que permitiu lidar com as condições adversas, como saber otimizar o aproveitamento de água, o manejo de caprinos “pé duro” (raça crioula resultante de seleção natural), a ampla utilização da flora (alimentação, saúde, ração animal etc.) e o uso de sementes crioulas, com espécies mais adaptadas às peculiaridades regionais.

Os povos da Caatinga, conhecidos como catingueiros, são **sertanejos, vaqueiros, agricultores, indígenas, quilombolas**, entre outros. O bioma é o berço de comunidades tradicionais, como os indígenas Tumbalala, os Xukuru e os Pankararu, e os quilombolas de Conceição das Crioulas. Estes agrupamentos humanos são guardiões do conhecimento sobre o manejo de plantas, de suas propriedades e usos medicinais, sobre a milenar técnica de busca de águas subterrâneas com forquilhas e sobre os sinais da natureza que antecedem as secas prolongadas e as chuvas.

Semelhante aos sertanejos, estão aqueles conhecidos pelos trajes de couro (que os protegem da vegetação espinhosa e do sol quente) e por percorrer o sertão a cavalo e cuidar de gado: os **vaqueiros**. O grande desafio deles é a busca por água, o que faz com que percorram grandes distâncias até onde haja uma fonte para os animais.

Habitam hoje na Caatinga, 45 povos **indígenas** com uma população em torno de 90 mil habitantes, distribuídos em 36 Terras Indígenas, e que ocupam uma área de quase 140 mil hectares. Dentre elas, as de maior tamanho são: a Terras Indígenas Kambiwá e a Xukuru, em Pernambuco, e Pankararé e Brejo do Burgo, na Bahia, que juntas totalizam aproximadamente 107 mil ha.

Há ainda os **pescadores artesanais**, presentes tanto em rios quanto nos açudes da Caatinga, os quais o labor da pesca possui um significado muito maior, envolve laços de identidade, pertencimento, respeito e conhecimento dos espaços em que ocupam. Somente na Bahia são ao menos 130 comunidades de pescadores artesanais, localizadas próximos aos rios do estado, principalmente no São Francisco e no Paraguaçu.

INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA. *Caatinga: povos e comunidades tradicionais da Caatinga*. [S. l.]: ISPNE, [ca. 2025]. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/caatinga/povos-e-comunidades-tradicionais-da-caatinga/>. Acesso em: 3 fev. 2025. (Adaptado.)



PESQUISA: Comunidades Tradicionais do Pampa

Em que o Pampa e os modos de vida no bioma têm em comum com os biomas estudados nesta seção? Que semelhanças podemos identificar entre o Pampa e o Cerrado ou a Caatinga? Quais são as diferenças? Que tal escolher um povo ou uma comunidade tradicional do Pampa para reconhecer o que há de comum entre o modo de vida desse grupo e os modos de vida dos geraizeiros e das comunidades fundo e fecho de pasto?

Faça a sua pesquisa, buscando informações sobre as características do bioma e sobre a comunidade tradicional escolhida. Organize essas informações e, depois, procure identificar semelhanças e diferenças com os biomas e grupos escolhidos. Por fim, para compartilhar seus estudos com a sua turma, selecione algumas fotos que possam ajudar a mostrar essa comparação. Seu(sua) professor(a) vai orientá-lo em relação às fontes e ao processo de pesquisa.

Leia o texto a seguir, para conhecer um pouco mais sobre as comunidades tradicionais do Pampa. Este bioma é característico do Rio Grande do Sul.

Comunidades tradicionais do Pampa

O Pampa, também conhecido como Campos do Sul, é um bioma que ocupa uma área de 176,5 mil km² (cerca de 2% do território nacional) e é constituído principalmente por vegetação campestre (gramíneas, herbáceas e algumas árvores). No Brasil, o Pampa está presente no Estado do Rio Grande do Sul, ocupando 63% do território gaúcho. “Pampa” é um termo de origem da língua quíchua que significa “região plana”, o que já nos conta um pouco sobre esse bioma.

Assim como acontece nos demais biomas, no Pampa vive uma diversidade de povos e comunidades tradicionais – **pescadores artesanais, comunidades quilombolas, povos de terreiro, ciganos, pomeranos, benzedeiros, indígenas** – com modos de vida integrados aos elementos presentes em seus territórios. Porém, várias dessas comunidades vêm sofrendo com a conversão dos campos nativos em pastagens cultivadas – em especial, de soja e milho transgênicos –, além da irrigação do arroz, com impacto das bombas de irrigação, do uso de agrotóxicos, da introdução de espécies exóticas de flora e fauna, do manejo inadequado do solo, da mineração, da expansão imobiliária, entre outras.



Diálogo entre saberes: o conhecimento tradicional e o acadêmico

Como temos observado, uma característica muito importante dos povos e comunidades tradicionais é o modo de vida ligado à natureza. Esses povos conhecem intimamente as riquezas naturais dos biomas onde se encontram, e seus saberes e práticas revelam um conhecimento profundo da biodiversidade local. Nas atividades propostas nesta seção, conversaremos sobre a importância dos chamados saberes tradicionais e sobre como esses conhecimentos podem dialogar com os conhecimentos acadêmicos.

Saberes tradicionais são um conjunto de informações, conhecimentos e práticas oriundos de grupos sociais e comunitários transmitidos por gerações e representados por meio de valores, costumes, técnicas e experiências vivenciados no cotidiano da vida social. Esses saberes são caracterizados por uma série de métodos de manejo e compreensão sobre a fauna e flora que circunscrevem esses povos. Os saberes tradicionais são um conjunto de conhecimentos, experiências, técnicas e significados construídos por comunidades tradicionais, caracterizados por uma série de métodos de manejo e compreensão sobre a fauna e flora que circunscrevem esses povos. Esses saberes são agrupados a partir de práticas coletivas e transmitidos por meio da oralidade entre as gerações mais antigas e as mais novas. Os mais velhos e as mais velhas da comunidade são reconhecidos e respeitados, pois têm um grande conhecimento acumulado por várias gerações.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Saberes tradicionais e biodiversidade*. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal e Núcleo de Pesquisas sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB) – Universidade de São Paulo. Brasília, 2001.
Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br/textos>. Acesso em: 3 fev. 2025.

A floresta, para os povos e comunidades tradicionais como **ribeirinhos, indígenas e seringueiros**, é uma verdadeira farmácia. Eles conhecem uma infinidade de plantas que têm propriedades medicinais e sabem a planta certa, a parte a ser usada, assim como formas de extração e de manipulação para tratar febres, dores e inflamações. São conhecimentos que foram sendo produzidos ao longo de séculos de observação e prática.

O uso medicinal de plantas está presente por todo o território brasileiro, seja por meio de chá, tinturas, seja por meio de pomadas e ungamentos. É muito raro encontrar uma pessoa que não tenha alguma referência sobre usos de plantas na saúde.

Roda de conversa

- O que você conhece sobre o uso de plantas na saúde? Tem o hábito de fazer uso de plantas em seu cotidiano ou para tratar de algum problema específico?
- Conhece pessoas que têm conhecimentos sobre plantas medicinais? Como aprenderam sobre isso?
- Qual é a importância do conhecimento das propriedades medicinais das plantas pelas comunidades tradicionais?

Os povos da floresta, os saberes tradicionais e o bioma amazônico

A Amazônia é nosso bioma mais famoso. Conhecido no mundo inteiro, tornou-se uma das principais referências quando se fala do Brasil. Pergunte a um estrangeiro, ou mesmo brasileiro, qual é a imagem que ele faz da Amazônia, e não será rara a referência a uma floresta densa e exuberante, de árvores muito altas, permeada por rios largos e extensos ou mesmo a existência de animais como a onça-pintada e o boto cor-de-rosa.

É possível que a presença de povos indígenas também seja mencionada. E, infelizmente, é possível também ser feita a menção às queimadas e aos desmatamentos, que têm ocupado noticiários internacionais, tamanha a importância da Amazônia para nosso planeta, em particular no contexto da crise climática.

O bioma amazônico, que ocupa quase metade do território do país e se estende também por países vizinhos, abriga uma enorme biodiversidade. Quando olhamos as populações que nele vivem, sua riqueza fica ainda maior: a diversidade de povos e comunidades tradicionais, como indígenas, seringueiros, ribeirinhos, pescadores, entre outros, vivendo na floresta de forma sustentável, por meio de seus modos de vida. A partir da sabedoria de seus ancestrais, esses povos vivem dos recursos da biodiversidade e dali retiram quase tudo que precisam: alimentos, remédios, matéria-prima para produzir seus utensílios, móveis, vestimentas e artesanatos, enfrentando, assim, a dificuldade de acesso a serviços de educação e saúde.

INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA. *Amazônia: a maior floresta tropical do mundo*. [S. l.]: ISPNE, [ca. 2025]. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/>. Acesso em: 3 fev. 2025. (Adaptado.)



Andirobeiras da Amazônia

Um dos produtos com finalidade terapêutica mais populares da Amazônia é o óleo da andiroba. Você conhece essa planta?

A andiroba (*Carapa guianensis Aublet*) é uma espécie com importância econômica e ecológica no bioma Amazônia. No Brasil, essa árvore é também conhecida por andiroba-branca, andiroba-do-igapó, andiroba-lisa e andiroba-vermelha. Seu nome deriva de *âdi*roba, termo tupi que significa “óleo amargo”, numa referência ao óleo extraído das sementes da planta.

Reconhecida oficialmente pelo Ministério da Saúde do Brasil como possuidora de propriedades medicinais, o óleo da andiroba tem sido utilizado tradicionalmente por comunidades da Amazônia para curar dores e inflamações na garganta, dores nas articulações (“juntas”), hematomas (“baques”), cicatrização de ferimentos e como repelente de insetos. Esse óleo também tem sido empregado na indústria como matéria-prima para a fabricação de produtos como ungüentos, pomadas e repelentes, ou mesmo para a produção de xampu, sabonete e hidratante corporal.

A coleta e a extração do óleo das sementes da andiroba são geralmente feitas pelas **andirobeiras**, mulheres



VictorVANS/Shutterstock

Árvore de andiroba.



juerginho/Shutterstock

Fruto e semente da andiroba.

das comunidades que vivem do extrativismo e que organizam a própria vida em torno dos conhecimentos e do manejo deste fruto. Com o óleo da andiroba, as andirobeiras produzem repelentes, velas, sabão e remédios tradicionais.

Atividade

Para conhecer como se dão a coleta e a produção do óleo por meio do extrativismo praticado por andirobeiras, vamos assistir a um trecho da reportagem *Grupo de mulheres trabalha em todas as etapas da produção de medicamentos e cosméticos naturais feitos de andiroba*, exibida no programa Globo Repórter. Esse programa acompanhou um grupo de mulheres do Assentamento Agroextrativista Praialta Piranheira, em Nova Ipixuna, no Pará.

Reprodução/Youtube



GRUPO de mulheres trabalha em todas as etapas da produção de medicamentos e cosméticos naturais feitos de andiroba. Globo Repórter, 12 mar. 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10382271/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

Discuta com os colegas:

- Como é feita a coleta e a obtenção do óleo de andiroba?
- Você conhece outra atividade de extrativismo vegetal semelhante à da andiroba?
- Na região onde você mora tem alguma atividade de extrativismo vegetal? Conhece alguém que pratica essa atividade?

Registre no caderno:

1. Na reportagem, a andirobeira Claudecir diz “Se não for nesse processo, não fica um óleo de qualidade”. Como ela aprendeu a fazer o óleo?
2. Suena da Silva, presidente do Grupo de Trabalhadoras Artesanais e Extrativistas (GTAE), e entrevistada no programa, explica:
“A gente sempre deixa algumas para produzirem as mudas. Isso é muito importante, o processo de reflorestamento delas mesmo, além de a gente separar algumas para plantar na nossa reserva, no nosso lote.”

- O que essa fala nos ensina sobre o trabalho realizado por essas mulheres andirobeiras?
- 3.** A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) é uma instituição vinculada ao Ministério da Saúde, que tem como objetivo produzir e disseminar conhecimentos e tecnologia voltados para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e que contribuam para a promoção da saúde e da qualidade de vida da população brasileira. No vídeo, a pesquisadora Joseane Carvalho Costa comenta sobre as andirobeiras:
- “É uma organização que gira em torno de mulheres empreendedoras, a partir do conhecimento ancestral, dos modos de produzir dessas comunidades. A Fiocruz trabalha dentro dessa articulação, do conhecimento tradicional popular e o científico, mas sem desconsiderar que eles são complementares.”
- Responda a partir dos estudos que realizou até o momento.
- Por que a Fiocruz considera que o conhecimento tradicional e o conhecimento científico são complementares?

Os Sateré-Mauwé: inventores da cultura do waraná

Outro produto brasileiro de origem amazônica é o guaraná. Você provavelmente já tomou ou conhece algum refrigerante feito a partir dele, não é mesmo? Mas já parou para pensar o que é o guaraná e de onde vem? Que conhecimentos e práticas foram necessários para que a bebida pudesse ser produzida?

Leia o infográfico a seguir, extraído de uma matéria publicada no jornal *Nexo*, no ano de 2023. Procure identificar: o que é, afinal, o guaraná; onde seu cultivo se iniciou, os usos que são feitos dele. Registre no caderno e, depois, compartilhe suas respostas com sua turma.

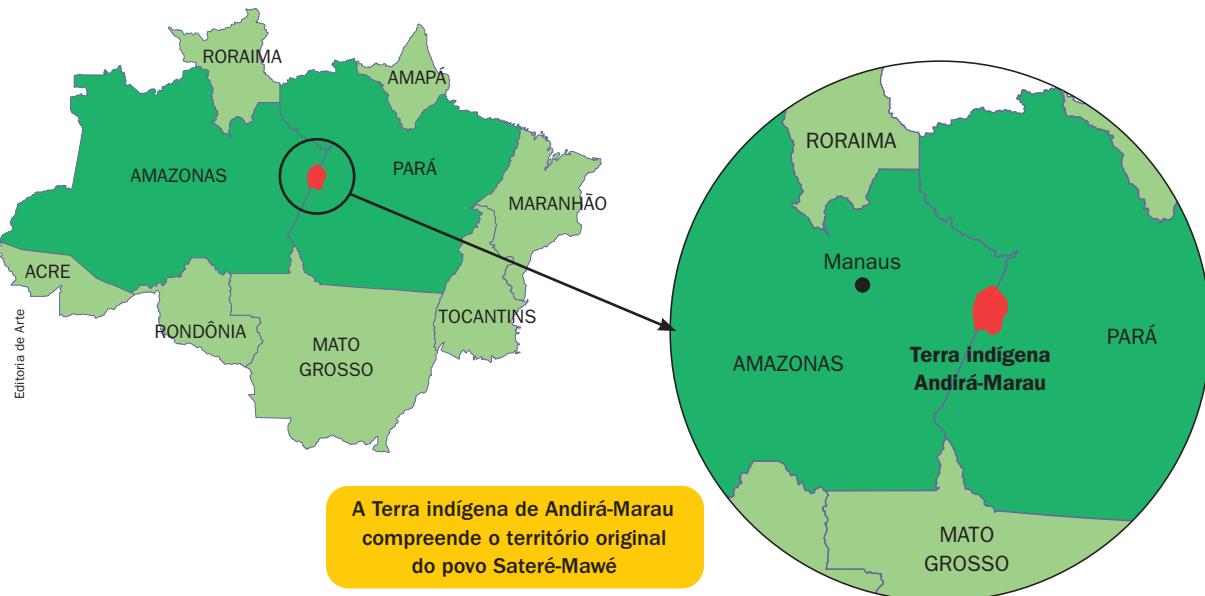
De onde vem o guaraná. E onde ele é produzido.

Semente da Amazônia é rica em estimulantes e serve de base a xaropes, refrigerantes e cosméticos. Brasil é, na prática, o único produtor de guaraná no mundo

O guaraná foi domesticado pelos Sateré-Mawé, que habitam o Amazonas e o Pará. O cultivo e o comércio do guaraná é um elemento central na

história desse povo, que fala uma língua Tupi. Eles são conhecidos como os filhos do guaraná, segundo seu próprio mito fundador.

Estados da Amazônia Legal



ZANLORENSSI, Gabriel; HEMERLY, Giovanna; FRONER, Mariana. De onde vem o guaraná. E onde ele é produzido. *Nexo*, [s. l.], 28 dez. 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2023/05/21/de-onde-vem-o-guarana-e-onde-ele-e-produzido>. Acesso em: 3 fev. 2025.

Atividade

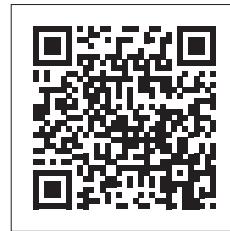
Waraná é o nome original dado ao guaraná pelo povo indígena Sateré-Mawé, que habita a região do médio Rio Amazonas, nos estados do Amazonas e Pará. É uma espécie originalmente endêmica da região entre os rios Madeira e Tapajós e ocupa lugar central nas narrativas antigas sateré-mawé sobre a sua origem, espiritualidade, vida intelectual e moral.

Espécie endêmica:
espécie nativa, restrita a determinada região geográfica.

Os Sateré-Mawé são conhecidos como inventores da cultura do guaraná. Eles domesticaram a trepadeira silvestre e criaram o processo de beneficiamento dos frutos desta planta, possibilitando que o guaraná seja conhecido e consumido no mundo inteiro.

No vídeo a seguir, Josias Sateré, liderança indígena, biólogo, doutorando em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pesquisador no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM/UFAM), nos ensina sobre a importância do *waraná* ou guaraná nativo na vida de seu povo.

Ao assistir ao vídeo, procure reconhecer o valor ancestral que o guaraná tem para seu povo e o território em que vivem.



VIDEOAULA “Sabores e saberes do povo Sateré-Mawé. Instituto Cultural Ajuri, 12 set. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eNlIjI5Hbpw>. Acesso em: 3 fev. 2025.

Leia os parágrafos transcritos a seguir para responder às perguntas.

O guaraná para nós é como a ideia, né, como se fosse uma escrita que os nossos líderes, nossos ancestrais, deixaram para nós. Quando nós consumimos a bebida, que é ralada, que é o sapó, a gente está resgatando a nossa história de como a gente chegou até aqui e de como a gente vai conseguir trilhar esse futuro. [...]

O guaraná ralado é a nossa história, é a nossa cultura. [...]

O sapó é justamente toda essa junção, de toda essa história ancestral que está incorporada no simbolismo da bebida. É uma bebida forte, que coloca o sentido da vida. Proteger o nosso território é proteger a vida, é proteger o guaraná, é proteger as nossas ideias, é proteger os nossos pensamentos, é proteger a nossa ancestralidade, é proteger a nossa história.

1. Identifique dois aspectos na transcrição que mostram a relação entre o guaraná e o conhecimento ancestral de seu povo.
2. Explique a relação entre o território, o guaraná e a história do povo Sateré-Mawé.

O direito de propriedade dos saberes e práticas tradicionais

Os conhecimentos tradicionais são importante fonte de informação sobre os princípios ativos de espécies da biodiversidade e têm servido de base para o desenvolvimento de pesquisas e produtos. Contudo, a apropriação indevida desses

conhecimentos ainda é um grande problema vivenciado pelas comunidades tradicionais. Um exemplo de possível apropriação dos conhecimentos tradicionais é a rã amazônica kambô (*Phyllomedusa bicolor*), cuja secreção é usada como medicação por diversos povos indígenas amazônicos. A substância tem onze registros de patentes em países como Estados Unidos, Canadá, Japão, França e Rússia.

A Lei da Biodiversidade, ou Lei n. 13.123/2015, determina o reconhecimento dos direitos de propriedade dos conhecimentos tradicionais e, também, a repartição de benefícios gerados a partir do uso desse conhecimento. Porém, ainda são muitos os obstáculos que garantem esses direitos.

A identificação da origem geográfica de um produto é um dos mecanismos que pode contribuir para o reconhecimento da propriedade dos conhecimentos da biodiversidade por povos e comunidades tradicionais.

Atividade

Em 2020, a Terra Indígena Andirá-Marau foi reconhecida oficialmente como origem geográfica do guaraná nativo pelo Instituto Nacional da Propriedade Intelectual (INPI). Antes de ler uma reportagem abaixo, que trouxe essa notícia, converse com os colegas sobre a importância desse reconhecimento para o povo Sateré-Mawé e para o Brasil de modo geral. Em seguida, leia o texto e responda às perguntas.

Guaraná Sateré-Mawé é a primeira Indicação Geográfica de terra indígena

Localizada nas divisas dos estados do Amazonas e do Pará, essa indicação geográfica compreende a demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau, onde o povo Sateré-Mawé produz o waraná (guaraná nativo).

O Instituto Nacional da Propriedade Intelectual (INPI) reconheceu [...] a Terra Indígena Andirá-Marau como indicação geográfica (IG) para *waraná* (guaraná nativo) e pão de *waraná* (bastão de guaraná). É a primeira IG da espécie denominação de origem (DO) no Brasil a ser utilizada por um povo indígena.

Localizada nas divisas dos estados do Amazonas e do Pará, essa indicação geográfica compreende a demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau, acrescida da área adjacente Vintequilos. Na região delimitada, ficou comprovado que o bioma local e o saber fazer do povo indígena Sateré-Mawé atuam de modo preponderante na obtenção de um produto diferenciado.

O *waraná*, como é chamado pelos Sateré-Mawé, pode ser traduzido como guaraná nativo (*wará* é conhecimento, enquanto *-na* significa princípio; logo, é o princípio de todo conhecimento da etnia Sateré-Mawé).

[...]

Reconhecimento

A coordenadora de Indicação Geográfica de Produtos Agropecuários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Débora Gomide Santiago, explica que foram mais de dez anos de apoio do Ministério no processo de estruturação da indicação geográfica.

“Além de ser um reconhecimento importantíssimo para o povo indígena Sateré-Mawé, pela sua história de domesticação da planta do guaraná e produção única, que guarda cultura, tradição e saber-fazer, é uma conquista de todo o país. Trata-se de um produto 100% brasileiro, reflexo da riqueza do nosso povo, da nossa tradição e da nossa biodiversidade”, ressalta Santiago.

Para manter essa condição, não é permitida nenhuma forma de reprodução dos guaranazais por meio de clonagem na região delimitada. Como fatores naturais presentes nessa denominação de origem, destacam-se os solos antrópicos (modificados pelo homem), a alta umidade ambiental e as abelhas canudo como agentes polinizadores.

Já os fatores humanos compreendem o cultivo totalmente artesanal do guaraná nativo pelos produtores Sateré-Mawé, que ainda desidratam e defumam os grãos de guaraná para obter o bastão de guaraná com cor, aroma, sabor e consistência bem característicos.

Representante do Consórcio de Produtores Sateré-Mawé (CPSM), Obadias Batista Garcia, destaca que o guaraná é muito importante para o povo de Sateré-Mawé. “Para nós, o guaraná é uma palavra que significa princípio de sabedoria, é a nossa cultura e educação. A sabedoria e o reconhecimento de como ser um grande líder é repassado por meio do guaraná ao longo de gerações. É no guaraná que está todo o conhecimento do povo Sateré-Mawé”, afirma Garcia.

GUARANÁ Sateré-Mawé é a primeira Indicação Geográfica de terra indígena. *A Lavoura*, [Rio de Janeiro], 27 out. 2020. Disponível em: <https://alavoura.com.br/colunas/indicacao-geografica/guarana-satere-mawe-e-a-primeira-indicacao-geografica-de-terra-indigena/>. Acesso em: 3 fev. 2025.



Fruto do guaraná, crescendo na orla da floresta tropical perto de Manaus, no Amazonas.

Discuta com os colegas e, depois, registre as respostas no caderno.

1. A forma de produzir o *waraná* ou guaraná nativo pelos Sateré-Mawé garante a conservação da biodiversidade. Justifique essa afirmação com aspectos que foram apontados no texto.
2. Por que a indicação geográfica (IG) da procedência do guaraná da Terra Indígena Andirá-Marau é importante não apenas para o povo Sateré-Mawé mas também para o Brasil?

Dica de leitura

ORÁCULO – O que temos para falar ao mundo – Samela Sateré-Mawé.

Publicado por: ID_BR. Vídeo (18 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=usfb-1TzodQ>. Acesso em: 3 fev. 2025.

No vídeo, a comunicadora e ativista indígena Samela Sateré-Mawé conta um pouco sobre sua infância e a participação na COP 26, na Escócia, evento que discute o futuro da humanidade a partir das mudanças climáticas.

MARTINS, Victória. Samela Sateré-Mawé: comunicação como ferramenta de luta da juventude indígena. [S. I.], Instituto Socioambiental, 15 ago. 2022. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/samela-satere-mawe-comunicacao-como-ferramenta-de-luta-da-juventude>. Acesso em: 3 fev. 2025.

A reportagem apresenta Samela Sateré-Mawé e explica a importância dela no ativismo indígena, principalmente em interlocução com os jovens na internet.

Cultivando na Mata Atlântica: Os quilombolas do Vale do Ribeira

Entre as práticas e saberes dos povos e comunidades tradicionais, estão os conhecimentos relacionados à prática agrícola.

Discuta com os colegas:

- Você tem ou já teve alguma experiência com roçados? O que poderia contar sobre ela?
- Na região em que você vive há cultivo ou produção de alimentos? Como é feita essa produção?
- O que você pensa sobre o corte da vegetação e o uso do fogo em roças? Será que esse manejo produz impactos significativos no solo e na biodiversidade?

Apesar do domínio agrícola pelas comunidades tradicionais, algumas de suas práticas nem sempre foram vistas como positivas à conservação da fauna, da flora e dos ecossistemas da região em que vivem. É o caso, por exemplo, de técnicas de manejo agrícola que podem envolver o corte e a queima da vegetação. Por essa razão, várias comunidades tradicionais brasileiras que vivem em áreas voltadas à proteção e à conservação ambiental chegaram a ser proibidas de cultivar e tiveram de lutar para conquistar o direito de voltar a fazer suas roças.

Esse foi o caso das comunidades **quilombolas** do Vale do Ribeira, no sul do estado de São Paulo e leste do Paraná. Esses grupos vivem às margens do Rio Ribeira, região de Mata Atlântica bastante preservada, abrigando mais de 20% dos 7% de floresta que resta do bioma em nosso país. Na década de 1980, quando o governo do estado de São Paulo demarcou Unidades de Conservação sobrepostas às áreas em que vivem os quilombolas, as roças foram impactadas pela legislação ambiental. Com isso, as comunidades quilombolas enfrentaram segurança alimentar e êxodo rural, o que as levou a lutar pelo direito de produzir os próprios alimentos.

O cultivo de mandioca, milho, feijão e arroz sempre foi eixo estruturante do modo de vida das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira. Por meio de uma técnica específica de roça conhecida por roça de coivara, os quilombolas manejaram o espaço com um padrão de ocupação itinerante, organizando o tempo em função do calendário agrícola. Esse modo de fazer roça e os bens culturais a ele associados integram o **Sistema Agrícola Tradicional das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira**.

Uso do fogo na roça de coivara.



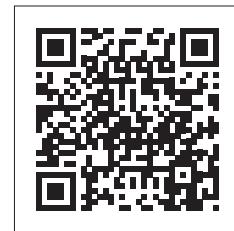
Atividade

É difícil imaginar práticas agrícolas que não tenham derrubada de vegetação e queimada, não é mesmo? De fato, essas ações são muito comuns nas tradições

agrícolas de uma diversidade de comunidades, de modo que estudos foram feitos sobre essas práticas. Um desses estudos investigou o Sistema Agrícola Tradicional das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira.

Para conhecer essas comunidades e as características de seu modo de cultivo, vamos assistir a um vídeo produzido pelo Instituto Socioambiental que aborda o sistema agrícola desses grupos pelos olhares de quilombolas que lá vivem e de pesquisadores acadêmicos. Ao assistir ao vídeo, atente para os saberes relacionados à prática agrícola dos quilombolas do Vale do Ribeira. Observe, também, o diálogo que se estabelece entre o conhecimento tradicional desse grupo sobre o plantio e o conhecimento acadêmico.

Reprodução/YouTube



SISTEMA Agrícola Quilombola. *Instituto Socioambiental*, 7 jul. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0BOydEoqJ8E>. Acesso em: 3 fev. 2025.

Discuta com os colegas:

- Como é feito o cultivo de alimentos na tradição quilombola do Vale do Ribeira?
- Quais conhecimentos sobre o mundo natural e o bioma Mata Atlântica estão presentes nesse modo de cultivo? Como esses conhecimentos foram construídos?
- Como pesquisadores acadêmicos investigaram os impactos do cultivo de alimentos no ambiente florestal? O que concluíram sobre esse sistema de plantio quilombola?

Um documentário, assim como um texto, precisa ser revisto para que nos apropriemos das muitas informações que ele traz. Então, leia as perguntas a seguir antes de assistir ao vídeo novamente. E fique com o caderno e o lápis nas mãos para anotar o que lhe parecer necessário.

1. No vídeo, a moradora Edivina Maria, do quilombo Pedro Cubas de Cima, conta que no modo de esse grupo social cultivar “tem época para tudo”. Dê um exemplo de como isso acontece no processo de plantio da roça quilombola.
2. Ao mencionar a forma de plantio, os quilombolas revelam conhecimentos relacionados à natureza, que são fundamentais quando vão avaliar e tomar decisões sobre a prática agrícola. Dê dois exemplos de falas que mostram como esse conhecimento está presente no modo de os quilombolas cultivarem alimentos.
3. O que dizem os quilombolas e pesquisadores acadêmicos sobre possíveis impactos da roça de coivara na biodiversidade da Mata Atlântica e na conservação da floresta? Faça, no caderno, uma tabela como a indicada a seguir e registre sua resposta.

A roça de coivara e a conservação da Mata Atlântica	
Conhecimentos e experiências dos quilombolas	Conhecimentos e experiências acadêmicas
	

4. O Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira foi reconhecido em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural do Brasil, como anuncia o texto a seguir.

Sistema Agrícola Tradicional do Vale do Ribeira agora é Patrimônio Cultural do Brasil

O Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural decidiu, por unanimidade, reconhecer o Sistema Agrícola Tradicional (SAT) das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira (SP) como Patrimônio Cultural Brasileiro, durante reunião que ocorre no Forte Copacabana, no Rio de Janeiro.

Sistema Agrícola Tradicional

O SAT é experiência acumulada na pesquisa e observação das dinâmicas ecológicas e resultados de manejo, mas também fruto do repertório de conhecimentos que remontam origens africanas e indígenas. Transmitidos através das gerações por meio da oralidade e observação em vivências práticas, esses saberes formam as maneiras de olhar a natureza, de avaliar e de decidir sobre o manejo dos recursos naturais para a agricultura, de ensinar, de promover

trocas, de sentir e de criar que estão conectados à roça.

O registro do Sistema Agrícola Tradicional das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira como Patrimônio Cultural do Brasil ampliará as ações de salvaguarda já realizadas por grupos quilombolas da região, com atividades de valorização das técnicas agrícolas tradicionais, proteção da floresta, estruturação de cadeias de comercialização, educação e transmissão de conhecimento, formação de pesquisadores, visibilidade e adequação da legislação ambiental, entre outras.



Vista de drone de plantação de bananas orgânicas no Quilombo Ivaporunduva. Fotografia de 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO NACIONAL. Sistema agrícola tradicional do Vale do Ribeira é patrimônio cultural do Brasil. Brasília, DF: Iphan, 20 set. 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4838/sistema-agricola-tradicional-do-vale-do-ribeira-agora-e-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 3 fev. 2025.

- Identifique no texto dois motivos que, no seu entender, fazem do sistema agrícola dos quilombolas um patrimônio cultural.
- Qual é a importância do registro do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola como Patrimônio Cultural do Brasil? Dê um exemplo.

Mata Atlântica: o bioma e outros povos e comunidades

A Mata Atlântica abrange cerca de 15% do território nacional, em 17 estados. É uma área muito sujeita a chuvas que mantêm as nascentes e mananciais que abastecem as cidades e, portanto, dela dependem serviços essenciais como abastecimento de água, regulação do clima, agricultura, pesca, energia elétrica e turismo.

Nas regiões onde ainda existe, a Mata Atlântica caracteriza-se pela vegetação exuberante, com plantas que se adaptam bem à água. A biodiversidade da Mata Atlântica é semelhante à biodiversidade da Amazônia. Entre as espécies mais

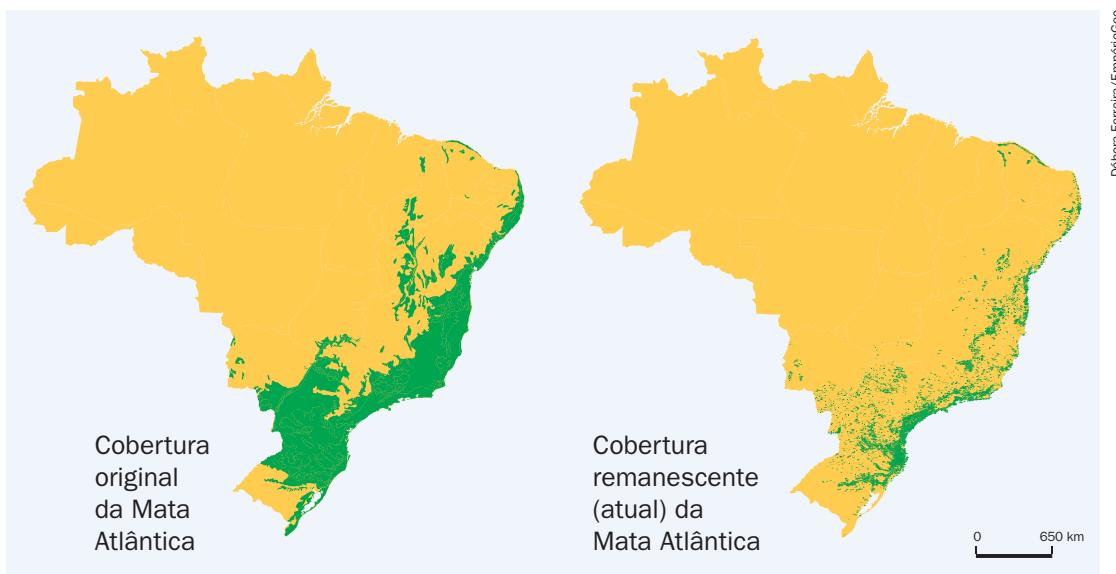


Katyani19/Shutterstock



comuns encontram-se algumas briófitas, cipós e orquídeas. A fauna é formada principalmente por anfíbios, mamíferos e aves das mais diversas espécies. É uma das áreas mais sujeitas a precipitação no Brasil.

Cerca de 70% da população brasileira vive no território deste bioma. A Mata Atlântica também abriga grande diversidade cultural, constituída por povos **indígenas** como os Wassu, Pataxó, Tupiniquim, Gerén, Guarani, Krenak, Kaiowa, Nandeva, Terena, Kadiweu, Potiguara, Kaingang, Guarani M'Bya e Tangang. Além deles, vivem no bioma outras culturas tradicionais não indígenas como os **caiçaras**, os **quilombolas**, os **roceiros** e os **caboclos ribeirinhos**.



Transformando a floresta

A biodiversidade também como resultado de práticas das comunidades tradicionais

O modo de vida de povos e comunidades tradicionais revelam formas de entender e se relacionar com a natureza que resultam em conhecimentos profundos sobre processos que acontecem no mundo natural. Esses grupos compreendem a dinâmica dos ecossistemas naturais, sabem identificar as espécies nativas da fauna e da flora, compreendem seus comportamentos e relações com os ciclos da natureza e, assim como a ciência acadêmica, também nomeiam e classificam as espécies. Dada a diversidade de povos, culturas e biomas em que esses grupos vivem, não é exagero afirmar que são os maiores detentores dos conhecimentos sobre

a biodiversidade brasileira, conhecimento esse construído em relação respeitosa com a natureza. Por isso, a ciência dos povos tradicionais começa a ser reconhecida e valorizada pelos pesquisadores acadêmicos.

Mas, para além de seus saberes, seus modos de vida também começaram a ser reconhecidos quando o que está em discussão é a conservação da biodiversidade em nosso planeta.

Nas universidades e centros de pesquisa, a biodiversidade foi entendida como uma característica do mundo natural, produzida exclusivamente por ele e analisada segundo as classificações propostas por ciências como a botânica, a genética e a biologia, por exemplo. Contudo, os povos e comunidades tradicionais não apenas convivem com a biodiversidade, mas compreendem que fazem parte dela e, portanto, com ela interagem. Como vimos no estudo das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, a Mata Atlântica, que tem sido por eles conservada, também é resultado da prática da roça de coivara. Vários estudos têm mostrado que o bioma Amazônico é fruto, também, dos manejos praticados pelos povos originários.

A biodiversidade, assim, pertence tanto ao domínio do mundo natural quanto do cultural, mas é a cultura enquanto conhecimento que permite às populações tradicionais entender a biodiversidade e manejá-la.

@wirestock/Freepik



Depois de terem sido proibidas de plantar, as comunidades quilombolas viram desaparecer a diversidade de sementes das espécies que cultivavam. Quando recuperaram o direito de voltar a fazer suas roças, passaram a realizar a tradicional feira de trocas de sementes, com o objetivo de preservar as sementes crioulas, fortalecer a roça coivara e favorecer a segurança alimentar.

As guardiãs e os guardiões das florestas

As taxas de desmatamento na América Latina e no Caribe são significativamente mais baixas em territórios indígenas e de comunidades tradicionais onde os governos reconhecem formalmente os direitos territoriais coletivos. Essa é uma das mais importantes conclusões do relatório *Povos indígenas e comunidades tradicionais e a governança florestal*, elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e pelo Fundo para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas da América Latina e Caribe (Filac).

A partir de mais de 300 estudos publicados nas últimas décadas, esse relatório revela pela primeira vez até que ponto a ciência acadêmica tem mostrado que os povos indígenas e comunidades tradicionais em geral têm sido os melhores guardiões de suas florestas em comparação com os responsáveis pelas demais florestas da região.

Atividade

No relatório *Povos indígenas e comunidades tradicionais e a governança florestal*, um dos representantes da FAO fez a seguinte afirmação:

Os povos indígenas e comunidades tradicionais, e as florestas em seus territórios, desempenham um papel vital na ação climática global e regional e na luta contra a pobreza, a fome e a desnutrição. Seus territórios contêm cerca de um terço de todo o carbono armazenado nas florestas da América Latina e do Caribe e 14% do carbono armazenado nas florestas tropicais do mundo.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. *Relatório da ONU mostra que povos indígenas e comunidades tradicionais são os melhores guardiões das florestas.* [S. l.]: FAO, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1391340/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

Discuta com os colegas:

- Por que a FAO afirma que povos indígenas e comunidades tradicionais desempenham papel vital na ação climática global?
- No seu entender, são importantes também na luta contra a pobreza, a fome e a desnutrição?

Conflitos e resistências: biodiversidade e modos de vida ameaçados

Como estudamos, os povos e comunidades tradicionais têm contribuído para a conservação da biodiversidade e do patrimônio genético dos diferentes biomas brasileiros. No entanto, apesar de serem considerados como guardiões das florestas, seus modos de vida e o território tradicional estão sendo constantemente

ameaçados ou impactados por atividades econômicas diversas, incluindo o agronegócio, parques de energia eólica, hidrelétricas, indústrias, entre outros. As consequências ambientais, que também são diversas – desmatamento, queimadas, assoreamento de rios, poluição de corpos hídricos entre outros – passam a colocar em risco o modo de vida desses povos e comunidades tradicionais e, em alguns casos como veremos agora, a existência do próprio bioma. Com a crise climática, os biomas têm ocupado as manchetes de diversas mídias, em especial o Pantanal, a Amazônia e o Cerrado brasileiros.

Pantanal: bioma e populações em extinção

Atividade

Leia a seguinte manchete, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em outubro de 2024.

Pantanal acabará e meia Amazônia será devastada até 2070 nesse ritmo de desmate, diz Carlos Nobre

Climatologista vê aquecimento global mais rápido do que a ciência previa e alerta para a necessidade de melhorar a preparação e a resposta para essas mudanças

JANSEN, Roberta. Pantanal acabará e meia Amazônia será devastada até 2070 nesse ritmo de desmate, diz Carlos Nobre. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 set. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sustentabilidade/pantanal-amazonia-crise-clima-carlos-nobre/?srsltid=AfmBOopmvs50n5mj5Fk6TA2oJnCDqiamtdyF2CztlMB-21edV8XZV9/>. Acesso em: 20 maio 2025.

Discuta com os colegas:

- Nos últimos anos, muitas reportagens sobre o Pantanal têm circulado nas diferentes mídias. Você conhece ou já ouviu falar desse bioma?
- A manchete apresentada afirma que o Pantanal acabará em poucas décadas. No seu entender, o que significa dizer que um bioma pode acabar?
- Considerando o que foi estudado, o que o fim de um bioma pode representar para os povos e comunidades que nele vivem? Dê alguns exemplos.

Pantanal: uma das maiores extensões úmidas contínuas do planeta

Este bioma continental é considerado o de menor extensão territorial no Brasil, entretanto este dado em nada desmerece a exuberante riqueza que o referente bioma abriga.

O Pantanal sofre influência direta de três importantes biomas brasileiros: Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Além disso, sofre influência do bioma Chaco (nome dado ao Pantanal localizado no norte do Paraguai e leste da Bolívia). Uma característica interessante desse bioma é que muitas espécies ameaçadas em outras regiões do Brasil persistem em populações avantajadas na região, como é o caso do tuiuiú – ave símbolo do Pantanal. Segundo a Embrapa Pantanal, quase duas mil espécies de plantas já foram identificadas no bioma e classificadas de acordo com seu potencial, e algumas apresentam vigoroso potencial medicinal.

Assim como a fauna e a flora da região são admiráveis, há de se destacar a rica presença das comunidades tradicionais como as indígenas, quilombolas, os coletores de iscas ao longo do Rio Paraguai, comunidade Amolar e Paraguai Mirim, dentre outras. No decorrer dos anos, essas comunidades influenciaram diretamente na formação cultural da população pantaneira.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Pantanal*. Brasília, DF: MMA, [2015]. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/biomas/pantanal.html>. Acesso em: 3 fev. 2025. (Adaptado.)



A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

As políticas públicas voltadas para os povos e comunidades tradicionais são recentes e tiveram como marco a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que foi ratificada em 1989 e trata dos direitos dos povos indígenas e tribais no mundo.

No Brasil, somente em 2007 é que os povos e as comunidades tradicionais passaram a integrar a agenda do governo federal por meio do Decreto nº 6.040, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, sob a coordenação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) da Presidência da República.

Entre as principais bandeiras de luta dos povos e comunidades tradicionais no Brasil está a reivindicação pelo direito à permanência nos chamados territórios tradicionais que, de acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, significa:

Os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os artigos 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações.

BRASIL. *Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.* Brasília, DF: 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 3 fev. 2025.

Atividade

É objetivo da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável garantir os direitos territoriais, socioeconômicos, ambientais e culturais desses grupos. Entre os diversos princípios desta política, destacamos:

[...]

I – o reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade socioambiental e cultural dos povos e comunidades tradicionais [...];

[...]

VI – a pluralidade socioambiental, econômica e cultural das comunidades e dos povos tradicionais que interagem nos diferentes biomas e ecossistemas, sejam em áreas rurais ou urbanas;

[...]

XIV – a preservação dos direitos culturais, o exercício de práticas comunitárias, a memória cultural e a identidade racial e étnica.

BRASIL. *Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.* Brasília, DF: 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 4 fev. 2025.

Considerando o estudo que fizemos de algumas comunidades tradicionais, podemos dizer que esses direitos garantidos estão sendo efetivados na prática? Escreva seu ponto de vista e, depois, compartilhe com os colegas.

Territórios ameaçados e racismo ambiental

Mesmo com todos os direitos garantidos pela Política Nacional de Desenvolvimento dos Povos e Comunidades Tradicionais e com todos os estudos

comprovando o papel fundamental como guardiões das florestas do Brasil, os povos indígenas e comunidades tradicionais têm seus modos de vida e seus territórios constantemente ameaçados ou diretamente impactados por ações tanto de empresas privadas quanto do próprio Estado. Isso se chama **racismo ambiental**. Você já ouviu falar?

A pesquisadora Tânia Pacheco define racismo ambiental da seguinte maneira:

O racismo ambiental pode ser definido como as medidas e práticas de instituições públicas ou privadas, governos e agentes particulares que se realizam através da violação de direitos e de formas de violência social, política e ambiental que recaem de forma implacável sobre grupos étnicos vulnerabilizados e sobre outras comunidades, discriminadas por sua ‘raça’, origem ou cor.

FÓRUM DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO VALE DO RIBEIRA. *Racismo ambiental no Vale do Ribeira (SP e PR): conservação da natureza e justiça na luta dos povos indígenas e comunidades tradicionais*. [S. l.], 23 abr. 2021. Facebook: forumpctvaledoribeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2838279963103613&set=a.1989594034638881>. Acesso em: 4 nov. 2025.

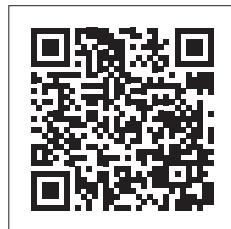
Atividade

Para entender melhor o que é e como se manifesta o racismo ambiental, vamos ouvir relatos de moradores da comunidade quilombola Rio dos Macacos, no Estado da Bahia, no Episódio 2 da websérie *Racismo ambiental: terras, territórios e tecnologias*.



Rodapé/Youtube

WEBSÉRIE | Racismo ambiental: terras, territórios, tecnologias
– Episódio 2. Fundação Rosa Luxemburgo – Brasil e Paraguai, 13 dez. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NPENJ-vbWls&t=50s>. Acesso em: 4 fev. 2025.



O território da Comunidade Quilombola Rio dos Macacos é ocupado há mais de 200 anos por cerca de 450 famílias e está localizado nos limites entre os municípios de Simões Filho e Salvador. O conflito territorial entre o quilombo e a Marinha do Brasil se consolidou a partir da década de 1960, com a doação das terras públicas da Prefeitura Municipal de Salvador.

MAPA DE CONFLITOS. BA – Comunidade Quilombola de Rio dos Macacos luta por direitos e titulação definitiva de território tradicional. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-quilombolas-de-rio-dos-macacos-lutam-por-titulacao-definitiva-de-territorio-de-direito/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

Registre no caderno:

- 1.** Ao longo do vídeo, aprendemos com Dona Olinda, Dona Rose e Franciele que o território é fonte de vida da comunidade, abrigando não apenas a terra onde se planta e se colhe mas também a floresta e os rios, as crenças religiosas, a memória dos ancestrais e a identidade quilombola.

Leia o fragmento da fala de dona Olinda:

“Aqui, a minha avó criou os filhos dela. Aqui, a minha mãe se casou com o pai. [...] Esta terra foi que nos criou. O meu pai plantava muito aipim, muita abóbora, batata-doce, batata do reino, feijão-de-corda e também com criação de animais para nos sustentar [...] Então o que eu posso dizer desta terra? Esta terra sempre foi abençoada e é, porque é da terra que a gente tira o alimento da gente [...] É daqui que a gente tira a banana para a gente vender. É do mato que a gente tira o cipó para fazer o balaio. É do mato que a gente pega o dendê para fazer o óleo de dendê. É do mato que a gente pega o buri, a gente pega licuri [...] A floresta pra gente é como se fosse a fonte de renda pra gente.”

Copie no caderno partes do texto que mostram os aspectos a seguir.

- a.** a relação entre o território e a ancestralidade;
- b.** a relação de pertencimento de dona Olinda com o território;
- c.** a importância do território para a vida da comunidade.

- 2.** As duas falas abaixo denunciam o racismo ambiental sofrido pela comunidade quilombola Rio dos Macacos:

“A água é coisa sagrada e que a gente tem de respeitar as águas, a gente tem de respeitar as matas e as águas têm de ser limpas. As águas tanto lava a alma da gente quanto mata a sede. É uma riqueza que a gente tem e que foi arrancado da gente pela Marinha”. *Dona Olinda, relembrando a memória de dona Luzia*.

“Um rio é uma fonte de lazer para as nossas crianças, é uma fonte de subsistência tanto da agricultura familiar quanto da pesca artesanal que sobrevive. Essa barragem, quando eles instalaram, eles fizeram a cerca para cercar todo o rio e morreu muitos peixes. Então, a comunidade recebeu uma sentença de morte porque quando se tira os recursos hídricos de uma comunidade é um racismo ambiental muito forte que vem acontecendo com a gente”. *Franciele Souza*.

- a.** Que aspectos chamam a sua atenção nessas falas?
- b.** Você conhece alguém que já viveu situação semelhante?
- c.** Franciele afirma que “estão vivendo uma situação de racismo ambiental”. Identifique:
- qual ou quais direitos estão sendo violados;
 - quem é o agente causador dessa situação;
 - qual ou quais são os tipos de violência que essa comunidade está sofrendo.
- 3.** Estudamos que os territórios dos geraizeiros, das comunidades de fundo e fecho de pasto e de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira também estão sendo ameaçados ou impactados por diversos agentes.
- a.** Elabore um quadro como o indicado abaixo e faça seus registros.

Comunidade tradicional	Ameaça e/ou impactos	Agente causador	Direitos violados	Tipo de violência
geraizeiros				
fundo e fecho de pasto				
quilombolas				

- b.** Por que podemos dizer que todas essas situações são de racismo ambiental? Para responder, retome a definição de racismo ambiental do Fórum de Comunidades Tradicionais do Vale do Ribeira.

De onde nasce o conceito de racismo ambiental?

É uma expressão criada na década de 1980 pelo Dr. Benjamin Franklin Chavis Jr., químico, reverendo e liderança do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, a partir de um estudo realizado no condado de Warren, na Carolina do Norte. Por meio deste estudo, observou-se que nas localidades onde a maioria da população era negra e pobre ficam as atividades perigosas à saúde, como lixões e depósitos de resíduos tóxicos.



A situação, no entanto, não era (e ainda não é) exclusividade de Warren.

Você já notou que as notícias sobre enchentes, deslizamentos, rompimentos de barragens, contaminação de rios e desmatamentos, frequentemente, têm como cenário locais onde a maioria da população é negra, indígena, ribeirinha ou pertencente a grupos étnicos em situação de vulnerabilidade?

Pense no município onde você mora. Quem são as pessoas que mais sofrem com as enchentes? E com os deslizamentos? E com a falta de saneamento básico?

O racismo ambiental também se manifesta nos centros urbanos. Forçada a morar em áreas inseguras, nas várzeas de rios e na beira de córregos, a população preta e periférica é a que mais sofre os impactos das chuvas. Isso é racismo ambiental. Essa mesma população é a que tem menos acesso à água potável, conforme aponta o IBGE.

PROPOSTA DE ENCERRAMENTO

Estamos encerrando nosso estudo dos biomas brasileiros e dos povos e comunidades tradicionais. Ao longo dele, escolhemos algumas comunidades e colocamos luz nos modos de vida integrados à natureza, que se revelam em saberes e práticas diversos; modos de vida marcados pela coletividade e por culturas e tradições muito próprias. Em todos os casos estudados, identificamos dificuldades enfrentadas por essas comunidades em manter seu modo de vida e cultura por terem seus territórios ameaçados por grandes empreendimentos econômicos.

Ao mesmo tempo, percebemos quanto esses modos de vida têm se revelado importantes para a conservação da biodiversidade, principalmente quando o mundo começa a sentir os efeitos da crise climática resultantes da degradação ambiental. Por fim, reconhecemos a urgência de fazer valer os direitos dos povos e comunidades tradicionais, maiores vítimas daquilo que tem sido chamado racismo ambiental.

Agora, é a hora de agir! Dentro de nossos contextos e possibilidades, é claro! Assim, a proposta é que você e seus colegas de turma estudem algum povo ou comunidade tradicional mais próxima de suas vidas. Pode ser alguma comunidade da região em que vocês vivem, mais próxima da escola. Também pode ser algum grupo social mais distante, mas de conhecimento de vocês, seja pelos vínculos familiares, de amizade, seja de interesse real. Ao escolher o grupo social, é importante considerar a possibilidade de visita à comunidade, de realização de entrevistas, ainda que remotas, ou mesmo de um convite para que um morador dessa

comunidade venha à escola para uma conversa. Reúna-se em grupo com alguns colegas para realizar a pesquisa.

Algumas orientações para a pesquisa

1. O primeiro passo é fazer a escolha da comunidade tradicional a ser estudada pelo seu grupo. Sugerimos que seja feito um levantamento com os seus colegas acerca de quais comunidades poderiam ser estudadas. No *site* do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima há uma descrição de todos os 28 povos e comunidades tradicionais reconhecidas pelo governo brasileiro, que poderiam ajudar nesta etapa de levantamento.
2. Escolhido o povo ou comunidade tradicional, o próximo passo seria levantar os conhecimentos que você e seu colega têm acerca desse grupo.
3. Para iniciar a pesquisa, que tal identificar a comunidade no mapa, fazendo uso de uma ferramenta como o *Google Maps*?
 - a. Em qual estado do Brasil se localiza essa comunidade?
 - b. O que a imagem de satélite mostra sobre o território onde a comunidade se encontra?
 - c. Em que bioma a comunidade se encontra? O bioma está conservado ou se mostra bastante impactado pela ocupação urbana ou empreendimentos econômicos?
4. O que vocês gostariam de saber sobre a comunidade tradicional que pretendem estudar? Que aspectos sobre a comunidade e seu modo de vida gostariam de enfocar?
 - a. Como é o modo de vida das pessoas que pertencem à comunidade escolhida? Como são as atividades produtivas (extrativistas, agrícolas, agroflorestais etc.)? São para consumo próprio ou para comercialização?
 - b. Como os saberes e as práticas desse grupo social (medicinais, na culinária, no artesanato, nos artefatos que produzem) revelam o conhecimento da natureza e do bioma em que vivem?
 - c. Como são as manifestações culturais tradicionais, como festeiros, rituais, religiosidades?

- d. Em que situações a coletividade se expressa nesse grupo? Existem associações, lideranças ou outras formas de organização social da comunidade?
 - e. Quais são as questões que afetam esse grupo social nos dias de hoje? Os direitos garantidos a partir do Decreto nº 6.040/2007 estão sendo respeitados?
5. Por quais caminhos você e seus colegas pretendem obter informações sobre a comunidade em questão (visita à comunidade, entrevista com representantes, pesquisa em sites específicos e reportagens)?
 6. Que sentimentos a aproximação com a comunidade despertou em você? O que fez você pensar sobre esse grupo, sobre sua cultura, identidade, luta?
 7. Depois de ter se aproximado da comunidade em estudo e entendido as questões de interesse, que ação pode ser interessante no sentido de apoiar a comunidade estudada?

COMUNIDADES TRADICIONAIS E BIOMAS NO ENEM E NO ENCCEJA

Resolva a seguir algumas questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja).

1. (Encceja, 2020) Os quilombolas permanecem na terra de seus antepassados e, por isso, o tempo não apagou sua memória histórica. Lá encontramos as formas tradicionais do uso da terra, seus costumes, manifestações culturais e religiosas. Acontece que em algumas regiões continua a haver ameaças de invasão, por fazendeiros, que se dizem “donos das terras”, mesmo após a garantia de posse aos quilombolas dada pela Constituição Brasileira de 1988.

BRASIL/SEDH. Direitos humanos para os quilombolas – consciência e atitude. Brasília: Ibrap, [s.d.] (adaptado).

Os fazendeiros que atuam da maneira descrita no texto prejudicam a manutenção da identidade e memória histórica dos quilombolas, porque

- a. ferem a Constituição e seus vários artigos sobre a propriedade privada.
- b. levam os quilombolas para os movimentos sociais de luta pela terra.
- c. põem em risco os meios de subsistência e convívio dessas comunidades.
- d. contestam judicialmente as origens raciais dos integrantes dessas comunidades.

2. (Encceja, 2017) Em um bioma brasileiro ocorrem dois períodos secos anualmente. Nele, predominam arbustos e árvores de pequeno porte. Alguns com espinhos e outros com queda de folha devido ao déficit hídrico. Esse conjunto de características adaptativas é típico da vegetação do(a)

- a.** Pampa. **b.** Cerrado. **c.** Pantanal. **d.** Caatinga.

3. (Enem, 2022) Em Vitória (ES), no bairro Goiabeiras, encontramos as paneleiras, mulheres que são conhecidas pelos saberes/fazeres das tradicionais panelas de barro, ícones da culinária capixaba. A tradição passada de mãe para filha é de origem indígena e sofreu influência de outras etnias, como a afro e a luso. Dessa mistura, acredita-se que a fabricação das panelas de barro já tenha 400 anos. A fabricação das panelas de barro se dá em várias etapas, desde a obtenção de matéria-prima à confecção das panelas. As matérias-primas tradicionalmente utilizadas são provenientes do meio natural, como: argila, retirada do barreiro no Vale do Mulembá; madeira, atualmente proveniente das sobras da construção civil; e tinta, extraída da casca do manguezal, o popular mangue-vermelho.

TRISTÃO, M. A educação ambiental e o pós-colonialismo. *Revista de Educação*, n. 53, ago. 2014.

Uma característica de práticas tradicionais como a exemplificada no texto é vinculação entre os recursos do mundo natural e a

- a.** manutenção dos modos de vida.
b. conservação dos plantios de roça.
c. atualização do modelo de gestão.
d. participação na sociedade de consumo.
e. especialização nas etapas de produção.

4. (Enem, 2021) No semiárido brasileiro, o sertanejo desenvolveu uma acuidade detalhada para a observação dos fenômenos, ao longo dos tempos, presenciados na natureza, em especial para a previsão do tempo e do clima, utilizando como referência a posição dos astros, constelação e nuvens. Conforme os sertanejos, a estação vai ser chuvosa quando a primeira lua cheia de janeiro “sair vermelha, por detrás de uma barra de nuvens”, mas “se surgir prateada, é sinal de seca”.

MAIA, D.; MAIA, A. C. A utilização dos ditos populares e da observação do tempo para a climatologia escolar no ensino fundamental II. *GeoTextos*, n. 1, jul. 2010 (adaptado).

O texto expõe a produção de um conhecimento que se constitui pela

- a.** técnica científica.
- b.** experiência perceptiva.
- c.** negação das tradições.
- d.** padronização das culturas.
- e.** uniformização das informações.

Referências bibliográficas

ADAMS, Cristina; PASINATO, Raquel. É hora de tratar a roça quilombola com o devido respeito. *Nexo*, 9 out. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/e-hora-de-tratar-a-roca-quilombola-com-o-devido-respeito>. Acesso em: 4 fev. 2025.

ASSA, Leonor. Povos tradicionais e os biomas brasileiros: Eles estão em muitos lugares e fazem muito mais do que se reconhece. *Ciência e Cultura*, v. 75, n. 4, p. 01-06, 2023. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252023000400013&lng=en&nrm=iso&tlang=pt. Acesso em: 4 fev. 2025.

BARROS, Henrique Lins de. *Biodiversidade*. Claro Enigma: Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2011.

BENSUSAN, Nurit; PRATES, Ana Paula Leite (ed.). *A diversidade cabe na unidade? Áreas protegidas no Brasil*. IEB Mil Folhas, 2014.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 3 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Brasília, DF: 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm. Acesso em: 6 fev. 2025.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Extrativismo. *Andiroba: boas práticas para o extrativismo sustentável orgânico*. Brasília, DF: MMA, 2017. Disponível em: https://antigo.mma.gov.br/publicacoes/desenvolvimento-rural/category/200-departamento-de-extrativismo-mma.html?download=1511:1_ct1_andiroba_web. Acesso em: 4 fev. 2025.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Pantanal*. Brasília, DF: MMA, [2015]. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/biomas/pantanal.html>. Acesso em: 3 fev. 2025.

BUZZO, Brenda. Os saberes tradicionais. *InfoEnem*. [S. l.], 13 mai. 2022. Disponível em: <https://infoenem.com.br/os-saberes-tradicionais/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

CAMPOS, André. Comunidades de fundos de pasto resistem a pressões. *Repórter Brasil*, [s. l.], 24 set. 2009. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2009/09/comunidades-de-fundos-de-pasto-resistem-a-pressoess/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

CUNHA, Manuela Carneiro da; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; ADAMS, Cristina (org.). *Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças*. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2021.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 6. ed. rev. ampl. São Paulo: NUPAUB-USP: HUCITEC, 2008.

DIEGUES, Antônio Carlos; Arruda, R. S. V. *Saberes tradicionais e biodiversidade*. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, Antônio Carlos (org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 2. ed. São Paulo: Nupaub-USP: Hucitec, 2000.

DURIGAN, Carlos. Fogo amigo, fogo bandido. *Amazônia Real*, [s. l.], 6 out. 2020. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/fogo-amigo-fogo-bandido-06-10-2020/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

FERREIRA, Rogério; LIMA, Eduardo; RIBEIRO, Rogério. Transformando a floresta em comida: as roças de coivara e o manejo do fogo. *História agrária de América Latina*, v. 5, n. 1, p. 39-60, 2024.

FIORAVANTI, Carlos. Com os pés fincados na história. *Revista Pesquisa Fapesp*, ed. 232, jun. 2015. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/com-os-pes-fincados-na-historia/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

GUARANÁ Sateré-Mawé é a primeira Indicação Geográfica de terra indígena. *A Lavoura*, [Rio de Janeiro], 27 out. 2020. Disponível em: <https://alavoura.com.br/colunas/indicacao-geografica/guarana-satere-mawe-e-a-primeira-indicacao-geografica-de-terra-indigena/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS. *Bioma Pampa*. [S. l.]: IBF, c2020. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-pampa>. Acesso em: 4 fev. 2025.

JANSEN, Roberta. Pantanal acabará e meia Amazônia será devastada até 2070 nesse ritmo de desmate, diz Carlos Nobre. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 set. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sustentabilidade/pantanal-amazonia-crise-clima-carlos-nobre/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

MAPA DE CONFLITOS. BA: *Comunidade Quilombola de Rio dos Macacos luta por direitos e titulação definitiva de território tradicional*. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-quilombolas-de-rio-dos-macacos-lutam-por-titulacao-definitiva-de-territorio-de-direito/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

MUSEU VIVO DOS POVOS TRADICIONAIS. Montes Claros, c2025. Site. Disponível em: <https://museuvivodospovosmg.com.br/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

NASCIMENTO, Lisângela Kati. Comunidades tradicionais, racismo ambiental e escola: um olhar para as políticas nacionais de educação. *Revista Veras*, São Paulo, v. 11, n. 2, jul.-dez. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre Diversidade Biológica. *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano*, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1998/anexos/and2519-98.pdf. Acesso em: 6 fev. 2025.

PESQUISADORES e empresas precisam reconhecer os direitos de detentores do conhecimento tradicional. *Instituto Escolhas*, São Paulo, 18 out. 2023. Disponível em: <https://escolhas.org/pesquisadores-e-empresas-precisam-reconhecer-os-direitos-de-detentores-do-conhecimento-tradicional/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

PINTO, Emanuelle Raiol; LIRA-GUEDES, Ana Cláudia; GUIMARÃES, Claudioney da Silva. *Boas práticas para produção de óleo de andiroba*. Tefé, AM: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá — IDSM, 2019. Disponível em: <https://mamiraua.org.br/documentos/098c65b4178ed3236d4f2f88fdc046e4.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2025.

TÔ NO MAPA. [S. l.], [ca.2024]. Site. Disponível em: <https://tonomapa.org.br/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

UDRY, Consolación Villafañe; EIDT, Jane Simoni (ed.). *Conhecimento tradicional: conceitos e marco legal*. Embrapa, 2015.

ZANLORENSSI, Gabriel; HEMERLY, Giovanna; FRONER, Mariana. De onde vem o guaraná. E onde ele é produzido. *Nexo*, [s. l.], 28 dez. 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2023/05/21/de-onde-vem-o-guarana-e-onde-ele-e-produzido>. Acesso em: 3 fev. 2025.



Este Caderno aborda os povos e as comunidades tradicionais na relação com os biomas em que se encontram, valorizando seus modos de vida, seus saberes e as formas como constroem conhecimento, bem como problematizando suas lutas por direitos sociais. Considerando os povos e comunidades tradicionais atualmente reconhecidos e distribuídos nos seis biomas brasileiros, os temas e as atividades foram estruturados a partir de estudos de caso. Assim, são discutidos aspectos estruturantes desses modos de vida e identidades que se construíram (e se reconstruam) na relação com o território e os conhecimentos tradicionais acerca do mundo natural e da biodiversidade, advindos da relação ancestral com as características do bioma. O diálogo entre a ciência dos povos tradicionais e a ciência acadêmica também é abordado, no contexto da valorização dessas culturas e da preservação dos biomas.

ISBN 978-65-83741-06-6



9 786583 741066